N.º 8 / MAIO 1972 / ANO I

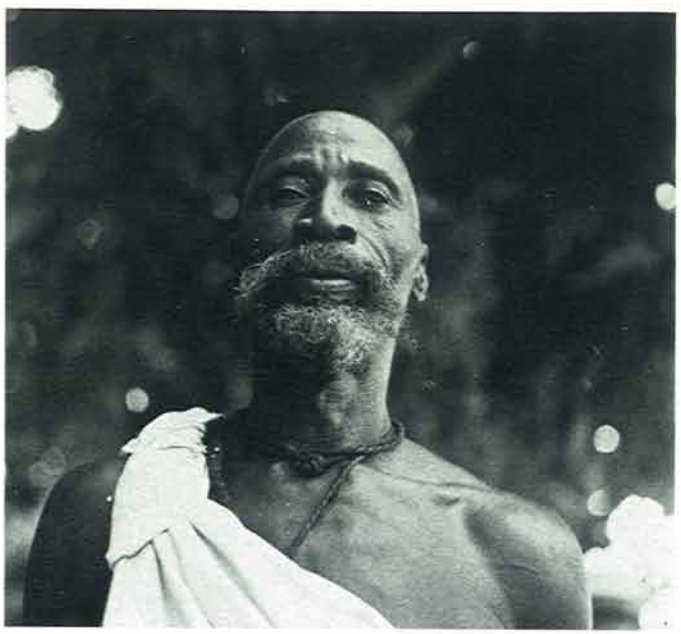
revista da ARMADA

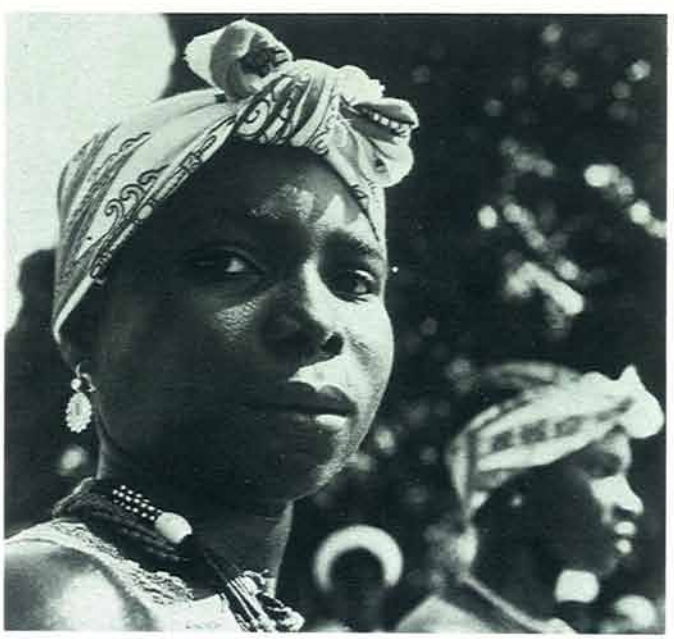
sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
A. Carvalho	**A Ilha de S. Miguel** – *Fomento Marítimo*	4
A. Pascoal	**As Gaivotas**	6
M. Horta	**Efemérides Navais**	6
S. Elpídio/A. Chuquere	**A Pátria Honrai**	7
S. Elpídio	**Medalha Comemorativa do 1.º Centenário do Comandante Fontoura da Costa**	8
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha Respostas... Descochadas**	9
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** O Expressionismo	10
S. Machado	**Ultramar** Cuito. Cuando – *A Presença da Marinha de Hoje*	14
M. do Vale/B. Mendes	**Heróis dos Rios da Guiné**	16
O. Lemos	**Bibliografia**	18
Redacção	**Voz da Abita**	18
S. Machado/C. Junça	**Saibam Todos**	20
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	21
G. Brandão/A. Pinto	**Filatelia**	21
P. Caeiro	**Desportos**	23
S. Elpídio	**Curiosidades**	24
S. Elpídio	**Reportagem**	25
C. Junça	**No Mundo Aconteceu**	30
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

Gentes da Guiné – Homem Grande e Bajuda

(Fotos do cap.-ten. EMQ Antunes Lourenço)





REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 8 / MAIO DE 1972 / ANO I

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas	24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima)	26$00
Ilhas (via aérea)	59$00
Ultramar (via aérea)	113$00

Na capa:

Marinheiros dos navios brasileiros da escolta ao N/M «Funchal» que conduziu os restos mortais de D. Pedro, vestindo uniformes da época.

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

PORTUGAL * BRASIL BRASIL * PORTUGAL PORTUGAL * BRASIL BRASIL * PORTUGAL

Este ano de 1972 é realmente o ano áureo das relações luso-brasileiras.

Além do estabelecimento da dupla cidadania de portugueses e brasileiros, extraordinária concepção da Comunidade, comemoram-se os 150 anos da independência do Brasil e os 50 da 1.ª Travessia Aérea Lisboa-Rio de Janeiro.

É muito difícil dizer algo de novo a respeito dos laços que ligam os dois povos e não serei eu, modesto autor destas linhas, quem ouse fazê-lo, em concorrência com eminentes prosadores e inspirados poetas dos dois lados do Atlântico.

Mas, a verdade é que a «Revista da Armada» não pode deixar de exultar com estes acontecimentos que calam tão fundo na alma lusíada.

A distância que nos separa – portugueses e brasileiros –, que era de mais de 30 dias para os navios de vela e é agora de 8 horas para os aviões a jacto, nada é perante a nossa amizade, que é tão grande que não cabe nas duas pátrias e cobre também a imensidade do mar que nos une.

Acaba o povo de Portugal de oferecer ao do Brasil os restos mortais do rei D. Pedro IV, artífice da independência e primeiro imperador do Brasil. O coração fica cá, por sua determinação expressa, doado à cidade do Porto.

O facto revela-se de tal transcendência que o próprio Chefe do Estado se deslocou ao Brasil para fazer a entrega.

Estão a decorrer as comemorações da mais notável façanha de aviação realizada por portugueses — a travessia Lisboa-Rio de Janeiro por Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

Quanto a estes, ao contrário do que sucede a D. Pedro, não ficam lá os corpos mas ficou, concerteza e para sempre, grande parte dos seus corações.

A ILHA DE S. MIGUEL

FOMENTO MARÍTIMO

A principal actividade na ilha de S. Miguel e única digna de menção que pode ser englobada na acção do Fomento Marítimo é a da pesca.
Existem cerca de 1300 pescadores artesanais matriculados que se distribuem pelos 18 portos e varadouros espalhados pela ilha, dos quais os mais importantes, além do de Ponta Delgada, são os de Rabo de Peixe e Vila Franca do Campo.

Pescadores, alargando à classe piscatória o abono de família proporcional aos dias de trabalho, os empréstimos para renovação e motorização das embarcações, etc. Ao nível local, a assistência oficinal prestada pela Capitania em colaboração com a Casa dos Pescadores tem sido certamente um factor muito positivo no progresso verificado. O exercício da pesca efectuou-se na estreita plataforma continental mas a motorização das embarcações deu possibilidades de o estender até aos

Ribeira Quente – Varagem com mar picado

As embarcações são todas de boca aberta, do tipo jeque, cujos comprimentos variam entre os 5 e os 11 metros. As maiores chegam a ter 16 homens de companha e são motorizadas. Aliás, estão em actividade cerca de duzentas embarcações, das quais mais de cem são motorizadas. O produto bruto da pesca artesanal atingiu em 1971 o resultado *record* de 21 696 544$00, que nos anos anteriores nunca excedera 15 mil contos. Para tal contribuiu, decididamente, o apoio do Governo à acção da Junta Central das Casas dos

baixos mais próximos, distantes 20 a 30 milhas, quando o mar está de feição.

As espécies mais abundantes são o carapau e a cavala, pescadas com redes de borda ou enchelavares. O peixe de fundo também é objecto de larga procura, figurando como espécies mais apreciadas a abrótea, o pargo, o goraz, o cântaro, a garoupa, etc. Estas espécies são pescadas à linha ou com palangre (*long-line*), em profundidades que excedem muitas vezes as 200 braças.

Na época própria (Maio a Outubro) é normal aparecerem importantes cardumes de albacoras e bonitos, cuja pesca é fundamentalmente exercida pelas traineiras pertencentes às empresas conserveiras do atum.

Para tal, os armadores contratam as companhas de pescadores artesanais especializadas existentes em Vila Franca do Campo e Ribeira Quente. No entanto, presentemente, devido à escassez de peixe verificada nos últimos anos, grassa grave crise nesta indústria, o que leva a crer ser necessário actualizar os processos utilizados.

Ainda se exerce em S. Miguel a pesca da baleia, cuja especialidade é exclusiva, nesta ilha, dos pescadores das Capelas. Em 1971 foram arpoados e capturados 29 cachalotes, que renderam 91 toneladas de óleo.

Tem grande importância o apoio que a Capitania dispensa à classe piscatória.

Por um lado, há que exigir a observação das leis e regulamentos, fiscalizando-se as condições de segurança das embarcações, o cumprimento dos contratos de matrícula, etc.

Por outro, há que estar sempre atento aos riscos da profissão. Todos os dias os cabos de mar em cada porto verificam se os barcos regressaram em boa ordem. Se algum falta, estabelece-se o alarme, aprontam-se os meios do Instituto de Socorros a Náufragos, confiados à Capitania, ou pede-se mesmo ao Comando Naval para fazer sair um navio-patrulha se tal for necessário. Nos últimos anos, felizmente, tem havido alguns alarmes mas raros desastres.

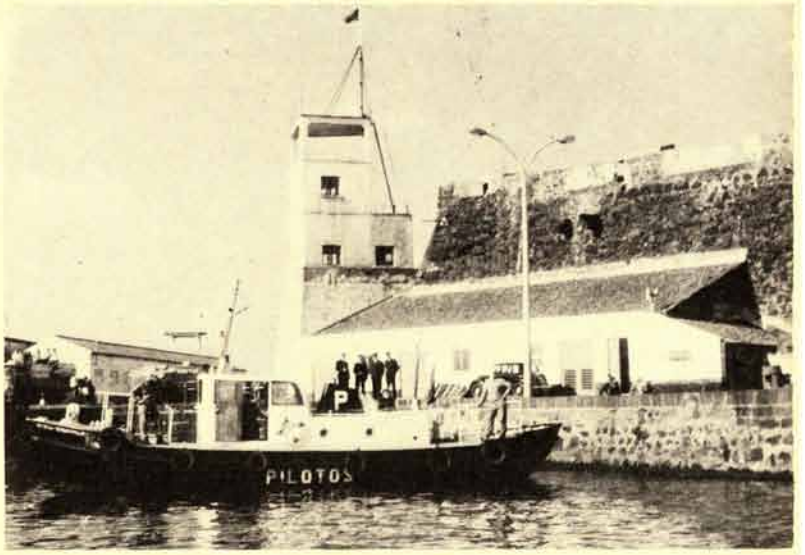
Depois, há o amparo a prestar por intermédio da Casa dos Pescadores, que vai desde o empréstimo para um motor novo da embarcação até à assistência social ou médica às famílias.

A Capitania de Ponta Delgada orgulha-se de manter com a classe piscatória local as melhores relações, pois o pescador de S. Miguel lhe merece todo o apreço pelas suas qualidades de bom marinheiro, de trabalhador e de excelente comportamento.

MOVIMENTO DO PORTO. PILOTAGEM

O porto artificial de Ponta Delgada, cuja construção se iniciou em 1861, está enrocado na ampla baía onde se localiza a cidade e possui, actualmente, 1300 metros de cais acostável, dando abrigo contra temporais do Sul, donde os ventos são predominantes de Inverno.

O porto está dotado de gruas e guindastes e dispõe de um rebocador de 1100 cv que em breve será reforçado por outra unidade que virá a ser a mais potente a operar em portos nacionais.



Lancha de pilotos; ao fundo, a torre da vigia

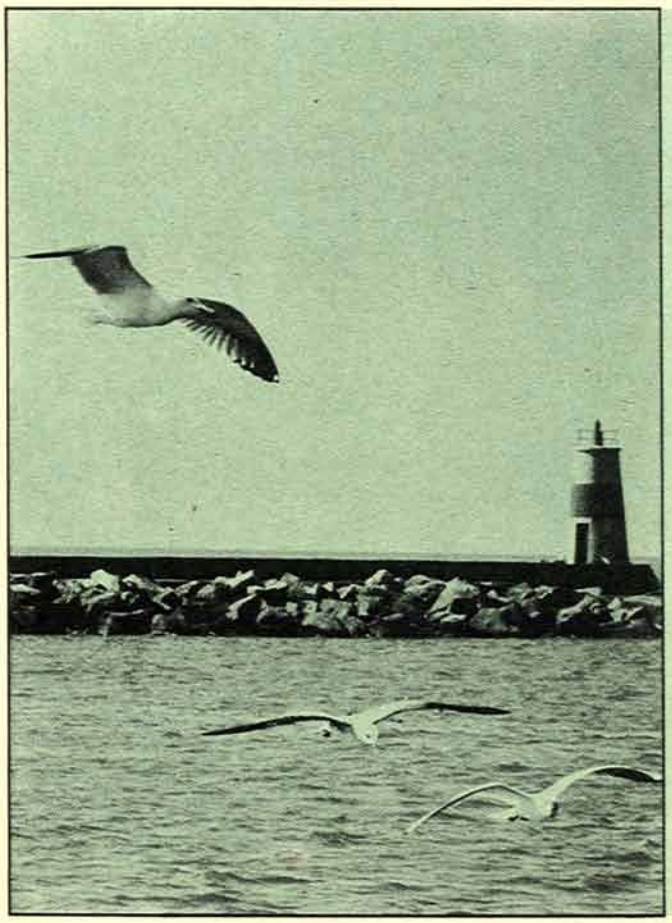
As manobras de atracação e desatracação dos navios cujos calados podem ir até aos 36 pés são sempre orientadas pelos pilotos.

A Capitania tem uma lotação de 5 pilotos sob a direcção de um piloto-mor. A actividade destes funcionários, especialmente no Inverno, não é nada agradável, pois além da responsabilidade que lhes compete nas difíceis manobras, por vezes sob mau tempo, têm ainda de arrostar com o mar em frágeis embarcações a fim de entrarem e saírem dos navios fora do porto. Para este efeito dispõe a Capitania de duas embarcações tripuladas por pessoal do troço do mar cuja lotação é de 13 elementos. Destes, um está sempre de vigia na Torre de Sinais, equipada com aparelhagem visual e radiotelefónica necessária ao apoio à navegação que demanda o porto. É apreciada tradição da pilotagem de Ponta Delgada a recolha da mala lançada ao mar pelos navios que passam próximo e cujo expedimento fica a seu cargo, o que tem merecido referências internacionais do maior apreço.

De resto, o porto de Ponta Delgada é já há alguns anos o porto nacional mais frequentado pelos navios de guerra das nações aliadas. No respeitante à actividade comercial, o movimento do porto tem-se mantido quase estacionário, sendo os números respeitantes a 1970 e 1971, os seguintes:

	1970	1971
Navios entrados	*953*	*992*
Tonelagem bruta manobrada	*3 364 362*	*3 219 005*
Passageiros embarcados	*17 413*	*14 359*
Passageiros desembarcados	*19 967*	*17 489*
Carga movimentada	*250 272*	*241 854*

A. de Carvalho



Portimão (Foto de L. C. Gaspar)

AS GAIVOTAS

Olha!
Como voam...
Repara!
Algumas de alar tão lento!
Como devem ser felizes
Saboreando o vento.

Olha!
Como voam... tão contentes!
Num constante sobe e desce
Ao sabor das correntes.

Olha mais além!
Vão e voltam, sem rumos nem rotas!
Como num último adeus
- O das Gaivotas.

Veiga Pascoal
Mar. L

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE MAIO

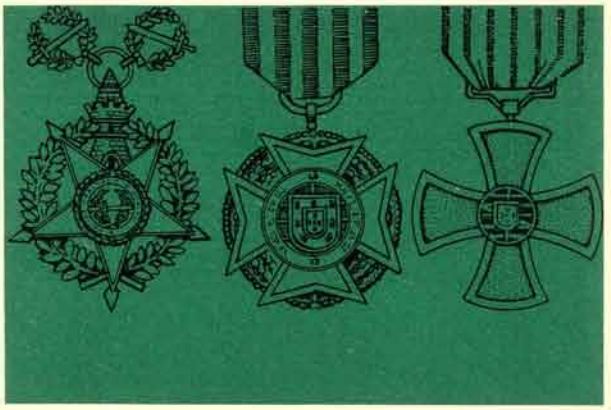
Em 9 de Maio de 1386, Portugal, por acordo entre D. João I e o rei de Inglaterra, Ricardo II, comprometia-se a enviar a Inglaterra 10 galés armadas para auxílio que devia durar 6 meses. Estes navios, que de facto demandaram a Inglaterra em Junho daquele ano, vieram a causar ali grande admiração pelas suas enormes proporções.

Em 20 de Maio de 1498, Vasco da Gama chega a Calecute, concluindo a viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia.

Em 27 de Maio de 1916, o cruzador «Adamastor» e a canhoneira «Chaimite», no Rovuma, em Moçambique, bombardeiam posições alemãs instaladas na margem direita daquele rio.

Em 30 de Maio de 1854, nasce em Lisboa Venceslau de Moraes, oficial da Armada, que em 1886 haveria de se bater valorosamente na guerra de Tanger. Foi escritor ilustre das «coisas» japonesas. Viria a fixar-se no Japão como cônsul-geral, sucessivamente em Hioto, Osaka e Kobe. Morreu em Tokoshima, na ilha de Shikoku, onde «é popularmente conhecido como o senhor Portugal».

a Pátria honrai



Disciplina, lealdade, elevado espírito de missão, sangue frio e serena energia são as qualidades que o marinheiro fuzileiro especial n.º 274/68 – ALTINO FIGUEIRA MESSIAS demonstrou possuir no desenrolar das acções em que tomou parte e em que se alcançaram êxitos notáveis que honram a Marinha e o Destacamento n.º 10 de Fuzileiros Especiais a que pertenceu.

Justa foi, pois, a atribuição da medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe a quem, como o marinheiro MESSIAS, é detentor de tão altas qualidades.

Nas missões em que o seu grupo de assalto participou, elas foram bem evidenciadas, sobretudo durante uma emboscada preparada pelas nossas forças em que, encontrando-se na primeira linha, só abriu fogo sobre o inimigo, que se sabia ser constituído por cerca de 120 guerrilheiros, quando teve a certeza do número exacto e quando os que constituiam a patrulha avançada de tal grupo penetraram bem na zona de morte. Também só ao habitual sangue frio do marinheiro MESSIAS se ficou a dever o êxito obtido em outra operação em que se tornava necessário alvejar com o fogo do seu lança-foguetes um grupo inimigo por cima dos seus camaradas, destacados para o interceptar.

N.R.: O marinheiro fuzileiro especial **MESSIAS** *é natural de Ferreira do Alentejo, distrito de Beja.*

CRUZ DE GUERRA

1.ª classe:

1.º-ten. José Luís Pinto Gomes Teixeira – Moçambique (1968).

2.ª classe:

1.º-ten. Rui Jorge de Aguiar dos Santos Paiva – Guiné (1967).

2.º-ten. Carlos António David da Silva Cardoso–Moçambique (1968).

4.ª classe:

7759/C. FZE – José Luís da Silva Casaca – Moçambique (1968).

8929/C. FZE – António Hilário Ginete – Guiné (1968).

1732/64/Mar. FZ – Manuel F. Mercê – Moçambique (1968).

1942/64/Mar. FZE – Marcelino das N. Tavares – Guiné (1968).

107/65/Mar. F – Ludgero Henriques de Oliveira – Guiné (1968).

116/65/Mar. F – Manuel Fernando Seabra Nogueira – Guiné (1968).

119/65/Mar. FZE – Manuel J. F. Belo – Guiné (1967).

MEDALHAS COMEMORATIVAS

Vem o Ministério da Marinha, desde 1969, mandando cunhar anualmente uma medalha comemorativa destinada a homenagear figuras notáveis da Armada ou acontecimentos históricos em que a Marinha teve preponderante acção.
Esta medalha, de limitada tiragem, é habitualmente distribuída no Dia da Marinha.
Em números sucessivos vai a Revista da Armada trazer ao conhecimento dos seus leitores os elementos referentes a cada uma das medalhas já existentes.

Medalha comemorativa do 1.º centenário do Comandante Fontoura da Costa

Reverso

Memória descritiva

Anverso

Ao centro do campo da medalha, o retrato do oficial, fardado.

A circundar, a legenda COMANDANTE ABEL FONTOURA DA COSTA.

De um e outro lado, as datas do nascimento e da morte, assim como uma âncora, limitando a legenda.
À esquerda, a assinatura do autor.

Uma composição tendo por base uma figura simbólica da Marinha, representada por uma mulher jovem admirando uma nau que ostenta na mão direita.
A seus pés, no exergo da medalha, um conjunto simbólico da ciência náutica.
Ao fundo, a silhueta de um navio de guerra, dos tempos actuais.
A circundar, as legendas:
Em cima – HOMENAGEM DA MARINHA DE GUERRA
Em baixo – PORTUGAL, e as datas 1869-1969, respectivamente à esquerda e à direita, assinalando a comemoração do seu nascimento.

Notas biográficas

Ilustre oficial de Marinha, professor, investigador e escritor notável pelos seus trabalhos publicados sobre a ciência náutica dos portugueses da época dos Descobrimentos e nos tempos modernos. Nasceu em Alpiarça em 9-12-1869 e foi admitido em 15-11-1887 como aspirante de Marinha na Escola Naval. Morreu em Lisboa, em 7-12-1940, já reformado, no posto de capitão-de-mar-e-guerra.
Foi professor da cadeira de Agulhas, Cronómetros e Navegação na Escola Naval; exerceu os cargos de Comandante Superior das Escolas de Marinha, Director da Escola Naval, da Escola de Educação Física da Armada e da Escola Náutica. Foi também Governador da Província de Cabo Verde, Ministro da Agricultura e Ministro da Marinha. Em 1907 foi nomeado reitor do Liceu Central de Lisboa e mais tarde eleito sócio da Academia Portuguesa de Ciências e História e membro da Academia Francesa de Marinha.

Dotado de uma invulgar inteligência, de grande cultura e forte energia mental, deixou publicada em livros, folhetos e várias revistas nacionais e estrangeiras, uma grande soma de trabalhos notáveis, reveladores do seu espírito matemático e dos profundos conhecimentos que possuía sobre a ciência náutica. Entre as obras e artigos que denotam as suas extraordinárias faculdades de trabalho, contam-se como mais importantes: «Subsídios para um Roteiro das Costas Portuguesas», «Elementos de Matemática», «Tábuas Náuticas» (de colaboração com o então 1.º tenente Vítor Hugo de Azevedo Coutinho), «Elementos de Navegação Astronómica Moderna», «Às Portas da Índia», «A Marinharia dos Descobrimentos».

O seu nome, como homem de ciência e investigador de honestidade inconcussa tornou-se conhecido no estrangeiro, principalmente em Espanha e França onde contava numerosos amigos entre os investigadores e cultivadores da ciência náutica.

Perguntas... Com cocha

A nossa Marinha tem um vocabulário próprio e muito rico que deve manter-se, quanto mais não seja por culto à tradição. Há termos que para nós são familiares mas que deixam os leigos completamente «a zero»... Trincaniz, talabardão, escovém, paspalhão, etc., são palavras que todos os marinheiros estimam e não desejam ver desaparecer na voragem do tempo.
Ao iniciar esta secção teve-se em vista relembrar esses termos e o seu significado, sobretudo àqueles que por circunstâncias várias se têm afastado do meio onde geralmente são usados – os navios.
Escolhendo uma forma ligeira de pôr em prática esse objectivo, procurou-se evitar o ar pesado de revisão de lição esquecida e assim, o título «Perguntas... com cocha», significa tratar-se de perguntas retorcidas, tal como sucede nos cabos submetidos a esforço de torção; quanto às «Respostas... descochadas», são já as respostas certas, em que se apresenta o significado correcto do termo ou expressão.

1 – Quando se abafa o pano ele asfixia?
2 – Abandonando a caça descarrega-se a arma?
3 – Um navio abarbado precisa ser escanhoado?
4 – O navio a abater está indo para o fundo?
5 – O poleame a beijo mostra-se sentimental?
6 – Onde é que você abita?
7 – Que linha se usa para abordar?
8 – As abraçadeiras abraçam afectuosamente?
9 – Abraçar-se com a terra é impúdico?
10 – Abrir água é desandar a torneira?

Respostas... Descochadas

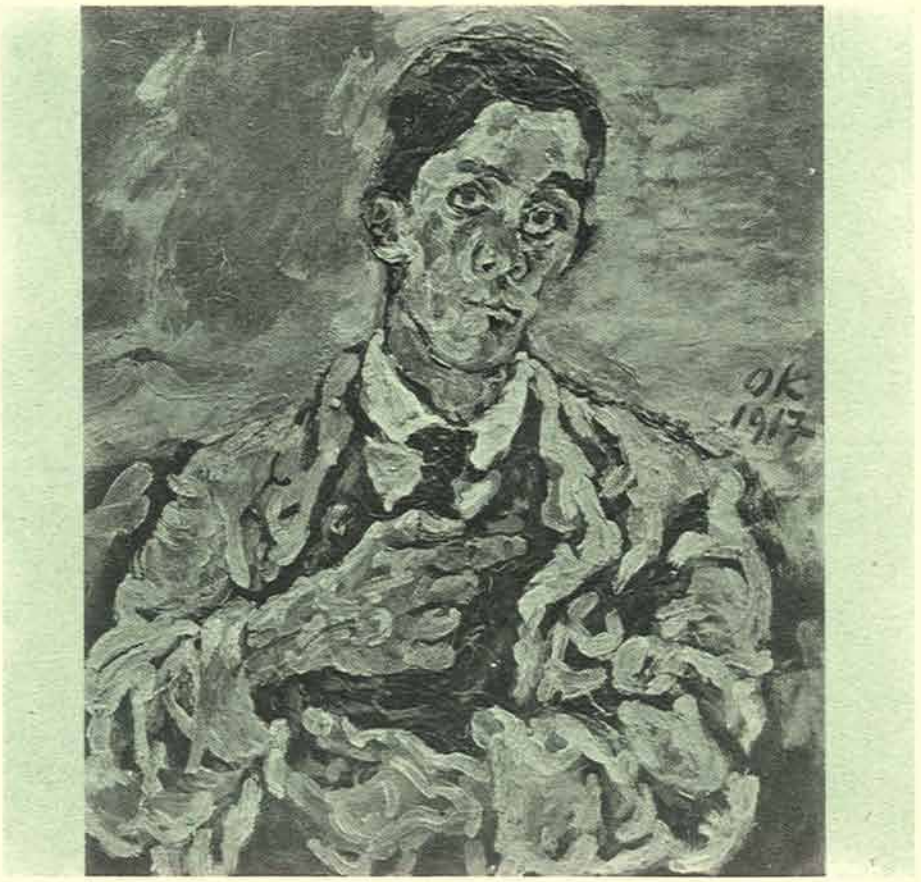
1 – Abafar o pano é subtrair qualquer vela à acção do vento demasiado forte, amarrando-a da maneira possível que o mau tempo permitir.
2 – Abandonar a caça significa desistir da perseguição que se vinha efectuando a outro navio.
3 – Navio abarbado é aquele que se encontra perigosamente perto de terra ou baixo, por sotavento.
4 – Abater é desviar-se lateralmente do caminho por acção do vento, correntes, ou do próprio movimento das vagas, mantendo todavia o rumo trazido.
5 – Diz-se que o poleame (conjunto de peças de ferro ou madeira para passagem de cabos) está a beijo quando se encontra no tope, isto é, a tocar-se.
6 – A abita é um conjunto de duas colunas de ferro ou madeira, a cada um dos bordos, no castelo, destinado a receber as voltas de capelo do fiador da amarra. Em calão naval, a abita significa os próprios marinheiros, o seu conjunto; assim, a «voz da abita», título de uma das nossas secções, é a expressão daquilo que os marinheiros pensam ou sentem acerca de determinado assunto.
7 – Abordar é encostar-se um navio ou embarcação a outro navio, ponte ou cais.
8 – As abraçadeiras são uma espécie de cabos que servem para conservar na posição horizontal ou dar movimento na vertical, às vergas.
9 – Abraçar-se com a terra significa simplesmente encontrar-se junto a terra; não tem portanto nada de impúdico...
10 – Abrir água é começar a meter água pela parte submersa do navio.

um movimento artístico do começo do século XX

O EXPRESSIONISMO

O EXPRESSIONISMO

ciências
artes e letras



Auto-retrato de KOKOSCHKA – 1917

Falámos já, num dos números desta Revista, do «Impressionismo», cujo objectivo era representar o mundo de acordo com a impressão visual que dele se retinha. O espírito científico impusera-se no decorrer do século XIX. Na arte, o «Realismo» e o «Impressionismo» foram sensíveis a este espírito científico pois os impressionistas, em especial, procuraram aplicar à sua pintura as leis da óptica e os progressos no conhecimento da natureza da luz. Foi contra este tipo de arte puramente visual que alguns pintores do princípio deste século se insurgiram, criando o movimento que ficou conhecido por EXPRESSIONISMO. Procuravam exprimir, não as aparências visuais do mundo, mas sim as ideias e as emoções que estão por detrás dessa aparência. As ideias e as emoções são filhas do homem e daí resulta que esta arte tem o homem como centro e como objecto. A «expressão» é inerente a qualquer tipo de arte (pois não existe arte inexpressiva) mas, no caso dos expressionistas, é sobretudo a expressão de si próprios que procuram. Por isso esta arte tem mais afinidades com o «Romantismo» do que com as escolas contemporâneas.

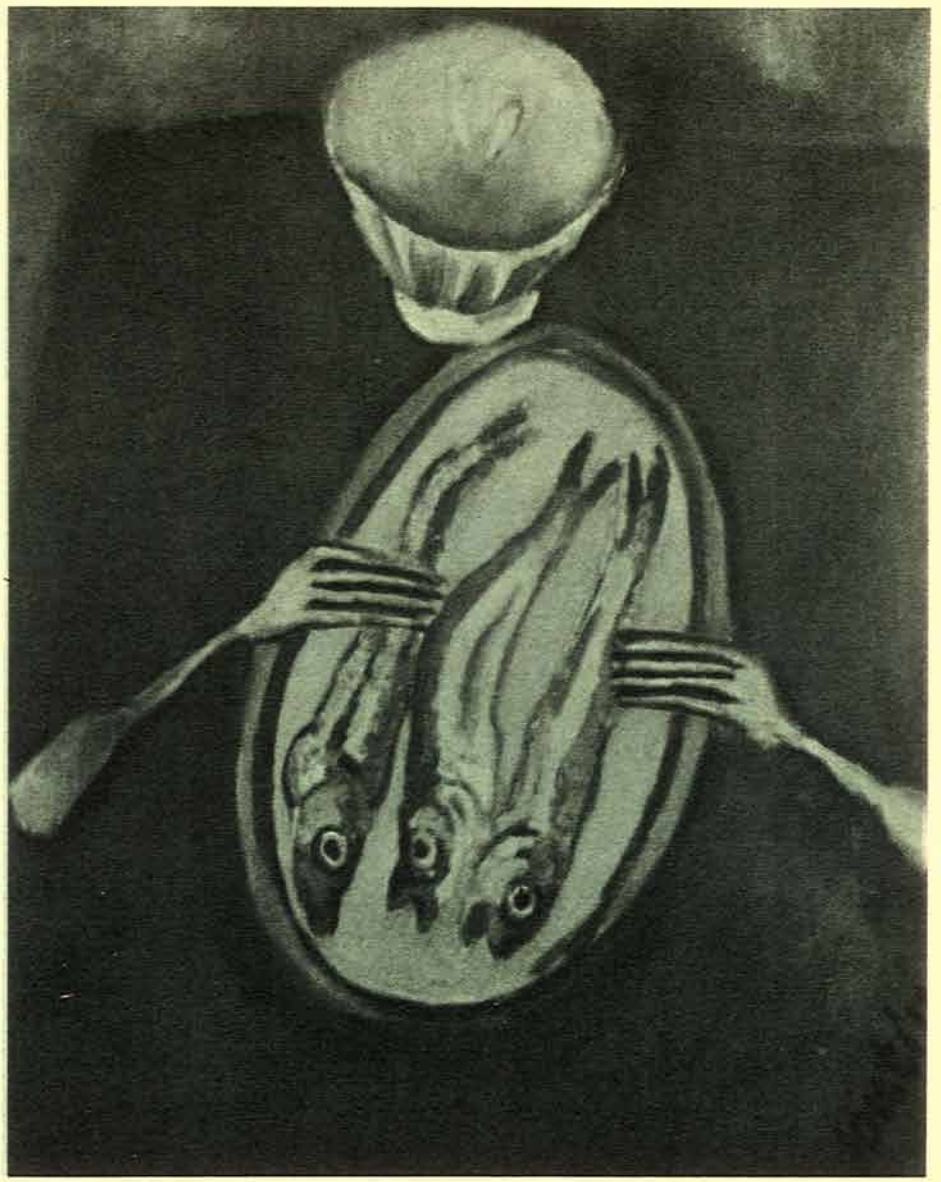
Para traduzir emoções e ideias os expressionistas serviram-se, sem dúvida, do mundo real e daquilo que viam, mas, nessa utilização, exploravam principalmente o lado simbólico ou o carácter emocional das coisas. É que se pode emprestar a uma árvore de ramos nús e contorcidos, erguidos ao céu, uma atitude de súplica

O EXPRESSIONISMO

O EXPRESSIONISMO

angustiante e patética que não está na árvore bem entendido, mas que nos leva a imaginá-la no nosso íntimo quando a contemplamos. Têm este carácter algumas pinturas de Van Gogh onde há céus convulsivos e montes em que se sente o dinamismo de uma agitação interior e árvores que são autênticos gritos na solidão das searas revolvidas por misterioso vento que lhes põe o mar de espigas num desalinho que era irmão do caos em que a sua alma se debatia. Por isso mesmo, muitos críticos consideram Van Gogh, tal como Gauguin e até mesmo Goya precursores do expressionismo. Gauguin, por exemplo, foi o mentor do «simbolismo» de que os expressionistas fariam largo uso. Ninguém ignora que a tradição tem emprestado às cores valores subjectivos, traduzidos por estados de alma. O azul é a cor do amor e o vermelho a da paixão; o amarelo traduz o ciúme e o branco a inocência. A cor, em vez de reflectir os aspectos da realidade, como nos «impressionistas», tornou-se simbólica. Surgem então as caras esverdeadas ou violeta e os cavalos azuis, vermelhos, ou de outras cores. Daqui resultou tornar-se o expressionismo uma arte altamente subjectiva. Gauguin introduziu nela um certo culto da fealdade e a libertação de peias como a perspectiva que já não é necessária numa pintura que não tem a realidade visível como objectivo. A cor aparece

Natureza-morta com arenques de SOUTINE – 1916



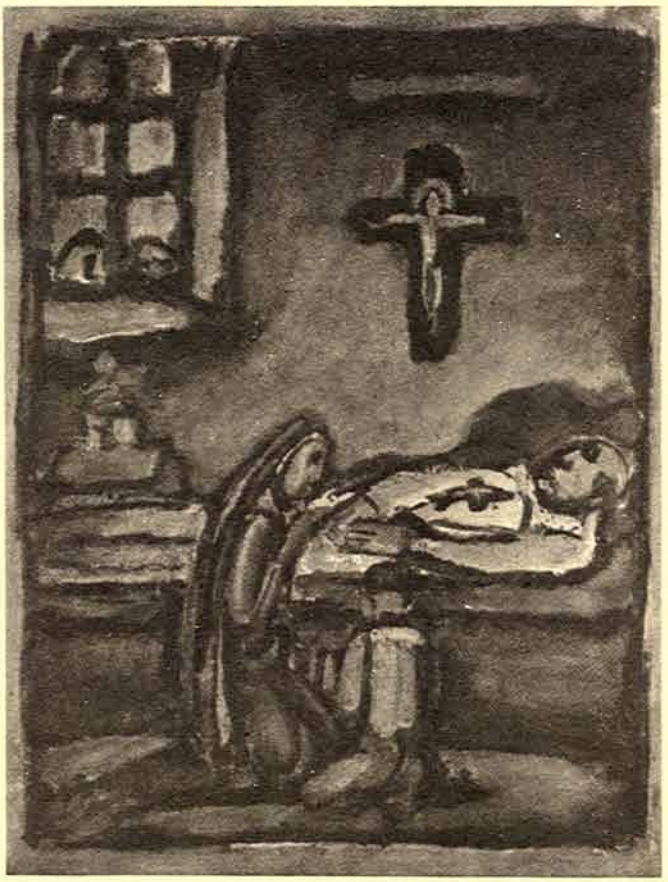
O EXPRESSIONISMO

agora nos seus tons puros e dada por igual em áreas extensas de contornos nítidos. Os expressionistas tinham a obcessão dos auto-retratos, carregando-os de intenções e atribuindo-lhes títulos impessoais como angústia, pavor, os miseráveis, a dor, etc. O homem torna-se assunto de arte qualquer que seja o seu estado; pintam-no doente, bêbado, moribundo, amando, matando, nas masmorras, nas minas ou no circo. Uma arte desta índole, pode assumir por vezes propósitos tendenciosos de agitação e violência. Uma mãe que pede esmola, uma criança estropiada, um ébrio ou uma prostituta podem transformar-se numa incómoda acusação à sociedade. Os períodos pós-guerra vêem sempre aparecer um surto artístico com características expressionistas e pintores como Rouault, Braque, Chagall, e mesmo Picasso tiveram fases expressionistas.

O menino do brinquedo de SOUTINE – 1919

Gato e pássaro de PICASSO – 1939

O EXPRESSIONISMO



De Profundis de ROUAULT – 1946

Rouault é um pintor sombrio de vermelhos e negros. Pintou o DE PROFUNDIS em 1964. O crucifixo domina a cena. A morte surge-nos em todo o seu sentido trágico. A geometria do quadro acompanha as linhas da cruz com excepção da figura feminina que, curvada, é um símbolo de dolorosa aceitação.

O GATO E PÁSSARO de Picasso é uma dessas pinturas de expressão dramática, onde o horror e a crueldade nos incomodam, tão acentuadas são a crueza e a ferocidade da cena. O conhecidíssimo quadro GUERNICA é outro documento revelador de uma época trágica como foi a da guerra civil.

Edvard Munch, pintor da angústia e poesia nórdicas, dizia que não se pode pintar eternamente mulheres a fazer renda e homens a ler.

Era preciso pintar seres que respirassem, sentissem, amassem e sofressem. O espectador havia de descobrir-se diante daquilo que tinham de sagrado como se entrassem numa igreja...

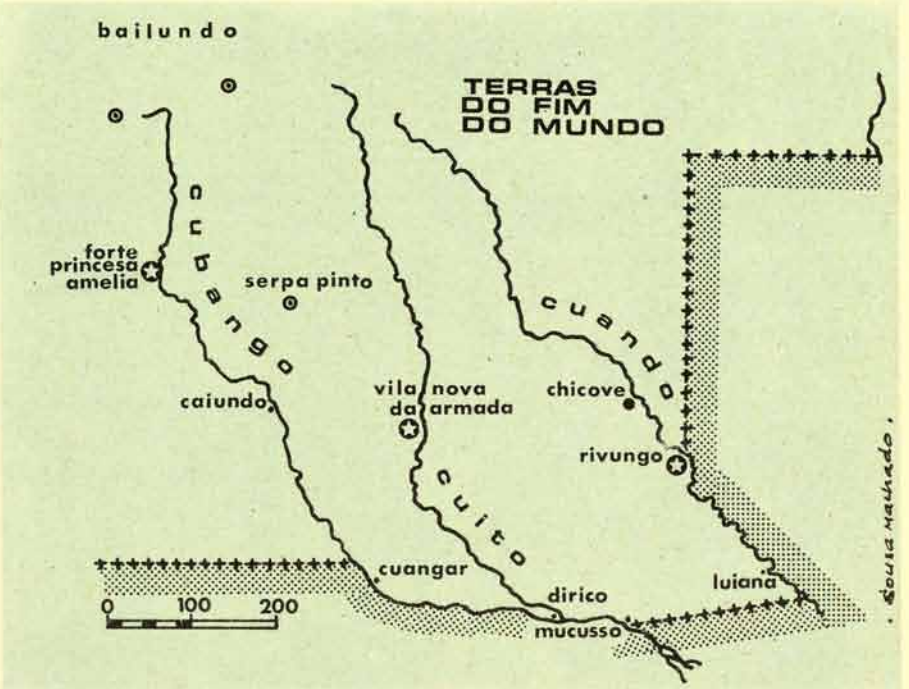
As formas de expressionismo mais puras pertenceram ao grupo de artistas denominado DIE BRÜKE (A ponte) que se fundou em Dresden, no começo do século. O estudo que fizeram da arte negra, expressionista por natureza, foi um dos seus maiores contributos para a história da arte. Por esta altura, em toda a Europa a «avant-garde» era expressionista. Um dos pintores mais influentes dessa vanguarda foi Kokoschka. Os seus auto-retratos são documentos valiosos de psicanálise. Houve artistas como Léger e Soutine que ficaram sempre expressionistas. Quando contemplamos a NATUREZA MORTA COM ARENQUES, deste último, apercebemo-nos imediatamente de algo incomodativamente trágico. Sobre uma mesa escura, três arenques mortos e dois garfos famintos e trémulos, com qualquer coisa de dedos que procuram saciar a fome, são bem um símbolo de luta pela subsistência. O MENINO DO BRINQUEDO é outro documento expressivo de angústia, tragédia e fatalismo. Os pintores expressionistas viveram e sentiram a angústia. Alguns só encontraram refúgio no suicídio e outros tentaram sem êxito essa fuga.

O expressionismo é uma arte profundamente humana cuja grandeza só a raros artistas é dado atingir.

O. Lemos

CUITO CUANDO

A presença da Marinha de hoje



Quase sempre se pensa em História como qualquer coisa envolta pela neblina do passado, qualquer coisa que «aconteceu» com relevo digno de figurar em livros de serventia pouco mais evidente que para realçar as qualidades de memória dos meninos que fixam muito bem as datas, os nomes das batalhas e a sequência dos reis. E imaginamos a História como nebuloso mundo povoado de antepassados ilustres, legiões de seres extraordinários capazes de feitos fabulosos. Ora, a verdade é que a História é qualquer coisa que se constrói dia a dia, por cada pessoa, e em cada lugar. Todos nós estamos fazendo a História do nosso tempo.

Sem dúvida que a necessidade de condensar o essencial sublimando o facto comum para fazer a separação entre o trivial e o mais importante, depois a selecção ou limpeza de que a perspectiva do tempo automàticamente se encarrega, acabam por apagar nomes de figurantes secundários, de acontecimentos menores, amalgamando tudo numa página que alguém escreve para memorandum de vindouros. É essa a página da História em que todos entramos, mas onde só alguns figuram.

Em dois breves apontamentos sobre as Terras do Fim do Mundo e gentes que as ajudaram a fazer, citámos os nomes de Paiva Couceiro, de Silva Nunes, da Brigada de Estudos do Cubango. Três épocas da História em que se procurou abrir caminho por territórios difíceis e inóspitos à presença duma civilização que tinha na bandeira das quinas a expressão simbólica de presença, da promessa de justiça, de paz, de progresso e de unidade. Mas não passámos para leste do rio Cubango. Atingimos terras de Dírico e de Mucusso, mas agarrados sempre ao rio ocidental. Ora, hoje, na História que estamos fazendo hoje, os rios de leste foram percorridos, ocupados nas suas margens, devassados nos seus meandros, medidos os seus caudais, sinalizados nos seus acidentes. E a Marinha continuou presente. Foi ainda obra de marinheiros muito (senão quase tudo) o que se fez nos dois grandes rios do Sueste angolano: o Cuito e o Cuando.

Para além das obras de estudo e de fomento que se estendiam ao ecletismo técnico de construção de embarcações adequadas aos condicionalismos da navegação, como de pequenas casas de apoio, mas de pedra e cal, nas mais isoladas paragens, a Marinha deixou uma presença: a presença amiga do homem branco em terras onde era ainda raro ver-se.

Depois, foi a Marinha de Guerra. Obrigações de defesa e protecção de populações levaram até ao Cuito e Cuando embarcações armadas e pessoal fuzileiro. É curiosa a configuração destes dois rios, mais acentuada no segundo que no primeiro, mas ambos cheios dos mais caprichosos meandros, alguns formando curva tão perfeita que a mesma margem quase se tangencia ao completar os 360 graus de rotação; vistos do ar são como cobras retorcidas em convulsões de morte, alguns pedaços mesmo já seccionados e inertes. A profusão de curvas no Cuando é tão multiplicada entre o caniço e os papiros enchendo a verdadeira lar-

gura das águas que a fita de água desimpedida, isto é, o que parece mesmo rio só toca em terra firme de longe em longe chegando a vencer distâncias de 20 e 30 quilómetros entre os «chicocos».

Para o Cuando foi uma lancha que, seccionada, atravessou Benguela, o Huambo, o Bié e o Mochico, dois mil quilómetros por terra, contas redondas, até ser refeita e lançada ao Cuando no Rivungo para os lados da missão de Santa Cruz. Pormenor curioso, houve quem se abrigasse em metade da lancha, respondendo ao fogo inimigo de uma emboscada em pleno mato!

Para o Cuito, outra LDP fez o trajecto de Moçâmedes até Serpa Pinto, inteirinha, em vagão especial de caminho de ferro, passando ali para uma plataforma rebocada onde atravessou as picadas do leste, até à rampa de lançamento montada propositadamente no extremo do grande aterro ao lado da ponte recém-construída do Cuito-Cuanavale, cuja parte central ficou basculante para deixar o barquinho de guerra levar as operações para montante dos dois rios que ali confluem, muito perto: o Cuito e o Cuanavale.

Também a cerca de duzentos quilómetros para juzante, em local escolhido essencialmente pela vantagem duma posição mediana entre os caminhos já estabelecidos do Norte e do Sul, ou seja, da linha carreteira Leste-Oeste e o troço do Baixo Cubango, se promoveu a instalação de forças de infantaria da Marinha, os seus fuzileiros. Tal localização, por muito boa do ponto de vista da malha de ocupação, não beneficiava evidentemente do conforto de acessos terrestres. Era o mato puro das grandes regiões centrais isoladas, sem trilhos, sem picadas, sem pontes, onde se fez «navegação» de agulha magnética para lá chegar pela primeira vez.

Sugerido o local como bom ao Comando Chefe da Província, reconhecido de avião, visitado de helicóptero, aprovado enfim, despachou para ali o Comando Naval a primeira Companhia de «fusos» que teriam a honra de ser assim os primeiros habitantes duma povoação a que logo se pôs o nome, depois oficialmente aprovado, de VILA NOVA DA ARMADA.

Algumas tendas de lona, algumas palhotas de colmo, alguns sacrifícios da comodidade e dos mais comezinhos benefícios da civilização, mas uma determinação enorme, inabalável, de permanecer, de não arredar pé, de defender a terra. À beira-rio, protegida das águas e do ataque nocturno do hipopótamo, nasce uma horta: frescos com fartura; o humus virgem a retribuir generosamente a semente lançada, o trabalho da sacha, da rega, da monda, do arroteamento que nunca experimentara.

Ao lado, no cimo do outeiro, máquinas gigantes rasgam o solo com outras intenções: constrói-se uma pista de aviões para Nord-Atlas e fazem-se terraplenos em socalcos para as construções definitivas do aquartelamento.

Os povos íncolas aproximam-se, vencidos os naturais receios, numa região onde se tem a sensação de acontecimentos próximos por notícias trazidas de boca em boca, de quimbo em quimbo, de assaltos, de incêndios, de populações inteiras raptadas. E sente que ali terá sossego, protecção. Ergue a escola para os filhos beneficiarem do monitor que o Governo lhes manda; fazem também as suas casas, trazem o seu gado. O comerciante instala-se. E é assim que nasce uma terra no mato, quem sabe se uma cidade de amanhã! A intenção foi essa. E foi para homenagem da Marinha, desde a ideia, a concepção, até aos pioneiros que a implantaram, que se lhe pôs o nome de VILA NOVA DA ARMADA.

Seja no Cuito, seja no Cuando, correndo em botes velozes pela superfície calma dos rios sinuosos, ou navegando em lanchas de aço, do Chicove ao Luiana, do Cuanavale à M'Pupa, a Marinha está no leste dessa enorme terra que é Angola, ajudando à tarefa honrosa de garantir a segurança dos povos como também de os fazer progredir auxiliando na obra imensa de os ajudar a vencer a batalha da paz.

S. Machado

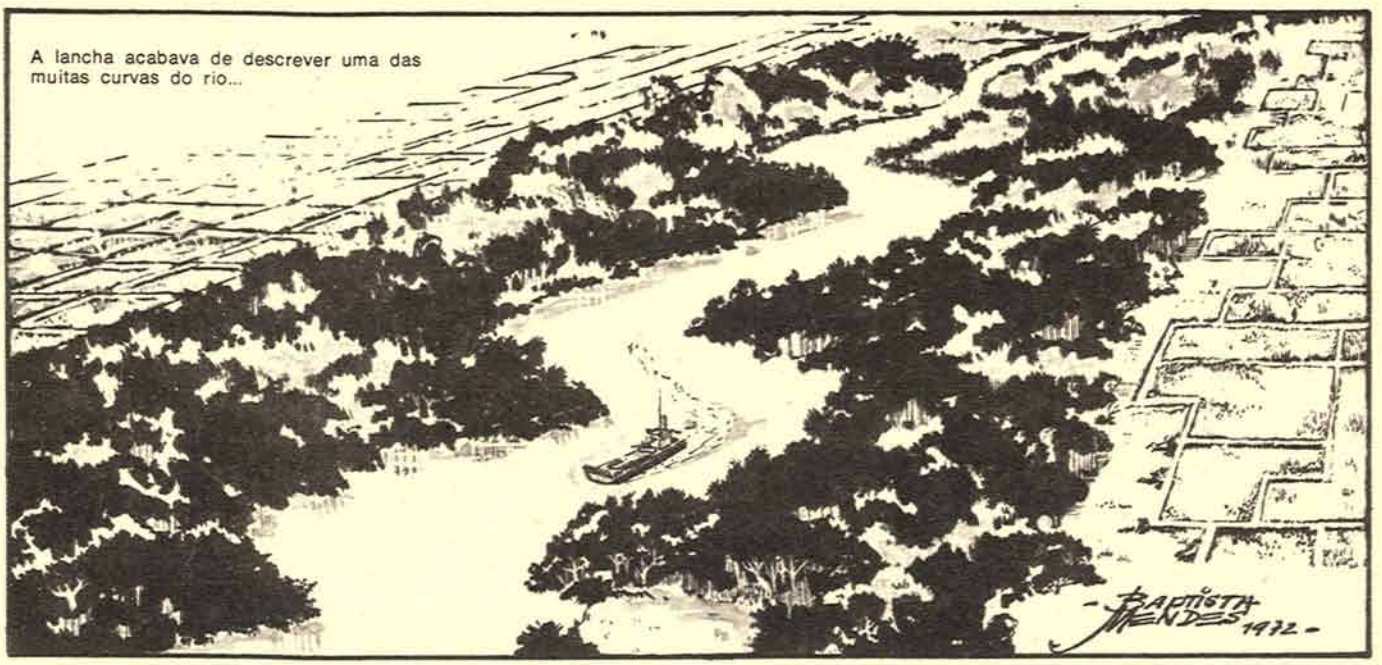
Caminhos que se fizeram para chegar à Vila Nova da Armada

Correndo em botes velozes pela superfície calma dos rios sinuosos

"Heróis dos rios da Guiné"

TEXTO DE M. DO VALE
ADAPTAÇÃO E DESENHOS DE BAPTISTA MENDES

A «LDM-302», com os seus seis homens de guarnição, descia tranquilamente o rio Cacheu em serviço de fiscalização. Ao leme o patrão da lancha, o marinheiro de manobra DOMINGOS LOPES MEDEIROS; junto à peça iam os artilheiros MANUEL LUÍS LOURENÇO SILVA e MANUEL SANTANA CARVALHO; no posto de fonia o telegrafista JOAQUIM CLAUDINO DA SILVA e na metralhadora «MG 42» o fogueiro MANUEL FERNANDO SEABRA NOGUEIRA; só o outro fogueiro, o LUDGERO HENRIQUES DE OLIVEIRA, não tinha sítio certo por estar de serviço aos motores comandados da ponte. Eram quase 10 horas da manhã e o calor começava a fazer-se sentir. Nas margens, o tarrafe entrava pela água dentro. Tudo estava calmo. Nada fazia prever o que se ia passar.



O patrão tinha sido gravemente atingido. Sem governo, a lancha entrou pelo tarrafe dentro, vergando os ramos. Quando estes se endireitaram, recuou em direcção ao meio do rio, ficando à deriva e a meter muita água.
Entretanto os artilheiros abriam fogo e a «MG» também, suportanto com calma determinação e desprezo pelo perigo o intenso ataque inimigo de bazucas, morteiros e armas automáticas.

Cerca de vinte minutos durara o ataque, tendo os artilheiros continuado a fazer fogo até a água lhes dar pelo peito...

Arriaram então o bote de borracha e cuidadosamente meteram o patrão dentro. Dirigiram-se para a margem, onde o marinheiro telegrafista Silva tomou o comando por ser o mais antigo. O patrão morria nessa altura, vítima dos graves ferimentos recebidos.

Entretanto, passava pelo local a «LDM-204». Foi com surpresa, e receando mesmo o pior, que encontraram a «302» só com a porta de abater fora de água.

Passaram-lhe reboque e seguiram rio abaixo. Pouco depois avistaram os náufragos e embarcaram-nos.

Quando chegaram ao destino, um pequeno porto do rio, a «204» manobrou para largar a «302» num sítio onde ficasse a descoberto com a maré. O marinheiro CARVALHO, que tinha saltado para a sua lancha para manobrar os cabos de reboque...

Mas o bravo marinheiro caiu à água e nunca mais foi visto. Camaradas da guarnição e gente de terra fizeram tudo para o encontrar.

Toda a Marinha na Guiné teve conhecimento deste episódio triste.
A lancha foi recuperada e voltou novamente a sulcar os rios. Os bravos marinheiros da «LDM-302» foram merecidamente louvados e condecorados com a Cruz de Guerra.

bibliografia

A RÚSSIA NA GUERRA – por Alexander Werth

A editora Europa-América acaba de lançar a obra «A Rússia na Guerra (1941-1945)», escrita por Alexander Werth, jornalista inglês e correspondente de guerra do jornal londrino «Sunday Times». A obra, traduzida em quase todas as línguas europeias, conhece agora a sua versão portuguesa. Consta de vários volumes, tratando o primeiro dos acontecimentos e circunstâncias que levaram os alemães a invadir a Rússia. Sem dúvida, é uma obra que interessa aos estudiosos da guerra.

O LUGAR DO HOMEM NO UNIVERSO – por Teilhard de Chardin

A Editorial Presença publicou, em tradução do padre dr. Manuel V. de Figueiredo, este famoso e importantíssimo trabalho de Teilhard de Chardin. Trata-se de um ensaio antropológico-filosófico em que o autor procura, como aliás na totalidade da sua obra, uma síntese global satisfatória que permita à inteligência uma melhor compreensão, e quiçá adesão, à finalidade e razão de ser da Criatura em confronto com o Criador.

COLHEITA DA TARDE – Inéditos e dispersos por José Régio

A Brazília Editora lançou o segundo livro de versos, póstumo, de José Régio. Isso deveu-se aos desvelos e cuidados do devotado amigo e companheiro de Régio – Alberto de Serpa. Embora nada traga essencialmente novo para o conhecimento e ideia já formada de José Régio, é, no entanto, mais um pedaço do poeta que chega até nós, não necessàriamente o melhor, mas sempre e ainda ele próprio nas suas lutas interiores, nos seus dilemas, no fluir do seu pensamento fecundo.

DA URBE E DO BURGO – por Sant'Ana Dionísio

Os homens do Norte, nomeadamente os portuenses, terão agora um livro que por certo vem ao encontro dos seus sentimentos de bairrismo e amor pela sua terra. «Da Urbe e do Burgo» é uma obra dedicada à cidade do Porto onde se sucedem referências históricas, literárias, artísticas, sociais, políticas e étnicas a que Sant'Ana Dionísio confere o rigor descritivo e pujança de conhecimentos que já são nele tradicionais. Esta monografia consagrada à urbe portuense, apresentada com seriedade inexcedível, oferece-nos *clichés* do Porto que são vida autêntica. O livro é editado por Lello e Irmão.

MEMÓRIAS DE ALEGRIA – por Eugénio de Andrade

Agora, são aqueles que de algum modo se sentem ligados a Coimbra pela vida ou pelo sentimento que têm, nesta antologia de versos e prosa sobre Coimbra, matéria para matar saudades...
Transparece do livro esse clima de cidade sempre noiva, onde gastaram «a flor da sua adolescência» gerações de estudantes que colheram dela a alegria efémera de uma vida de poesia mais sonhada que vivida...

O. Lemos

voz da abita

De Manuel Joaquim Faustino Figueira, Mar. M 97/68, recebemos a carta que publicamos a seguir e que é um depoimento humano que nos merece uma palavra de encorajamento pois trata-se de um camarada que sofre no seu corpo e na sua alma, o afastamento a que a doença o obrigou. Daqui lhe enviamos os nossos votos sinceros de boas melhoras e de um rápido regresso ao seio da Corporação:

«Caramulo, Sanatório Bela Vista, 6-3-972.

«Minha enfermidade teve início no princípio de Agosto findo, data em que o Navio-Escola «Sagres» regressava da sua viagem ao Brasil, fazendo eu parte da sua tripulação.
«Hoje, afastado do mar, ou melhor, da vida do mar, dia-a-dia o recordo. Mesmo sendo contraverdade tudo o que me rodeia acabo por achar algo de comum com o que nos envolve quando navegamos. Este enorme vale compreendido entre a Estrela e o Caramulo que eu contemplo demoradamente do meu quarto apresenta os mais variados aspectos, fazendo-me sonhar por instantes: em dias de nevoeiro mostra-se encoberto parecendo um enorme mar muito calmo, destacando-se apenas o cume da Estrela semelhante ao ilhéu que nos surge ao fim da primeira semana

de mar; jamais alguém se recusa a contemplar essa minúscula partícula de terra.

«Nos dias totalmente limpos, sem que obstáculo algum se oponha ao prazer que a contemplação da Natureza nos oferece, tal visão é diferente: parece um mundo sem vida que nos magoa com a sua monotonia, em que o manto escuro dos pinheirais agrestes supera tudo o restante existente.

«À noite, quando debruçado da janela me deparo com a iluminação das várias povoações, por momentos mal reflectidas, essa visão quase me causa alucinações: tem o aspecto do porto esperado há já vários dias no qual está o objectivo da nossa viagem quando nessa noite o vigia começa a ficar confuso pela forma como há-de anunciar o objecto avistado; hesita um pouco... e certamente conclui: «Terra à vista». Imediatamente se dirige ao telefone pondo-se em contacto com a ponte, a sua voz é diferente, uma sensação inquietante o invade. Começa já a sonhar com a estadia nesse porto, a ver, a sentir tudo o que lá existe à sua espera. Não resta dúvida. Esse inédito momento recompensa-nos das várias horas passadas em noites escuras em que o nosso olhar ansioso se perde nas trevas dum horizonte que não tem mais fim.

«Os telhados vermelhos destas mesmas povoações que se espalham pela planície, recordam-me a Cruz de Cristo desenhada nas velas do navio que me levou a diversos portos.

«O seu balanço constante era belo, não me deixava mergulhar na solidão, despertando-me nas horas tristes com o seu movimento melodioso que mais parecia tentar embalar-me. Quando regressava, lá estava a sua bandeira saudando-me com uma agitação frenética ao vento.

«Mais que nunca reconheço a influência de pequenas coisas existentes nele que talvez nesse tempo me passassem despercebidas e hoje me vêm à mente nos momentos mais sós que a minha situação presente me impõe. Minha cama não treme como o meu antigo beliche de bordo, mas eu recordo-o com saudade e preferi-lo-ia se me fosse concedida escolha. O apito ou o clarim não me «chateiam» (como regularmente denominamos o seu toque de alvorada às 7 horas) mas, pela sua falta, talvez a essa hora eu já esteja acordado...»

Do cabo R – Arlindo Mateus de Sousa recebemos uma carta da qual extraímos algumas passagens e vária colaboração de que seleccionamos os versos e o desenho que seguem:

«Desde o primeiro número da Revista da Armada, «A Nossa Revista», que em boa hora foi criada e veio direitinha ao gosto dos que trazem sal no olhar e âncoras no coração, eu senti vontade de colaborar.

«Sou um elemento da Armada (cabo radarista) que, além de marinheiro, pinta quadros a óleo nas horas vagas. «Artista de Domingo» como me classificaram as gentes do SNI, onde há dois anos consecutivos tenho entrado em exposições do Mercado da Primavera, sou no entanto desconhecido do público.

«O povo algarvio, conhece-me por intermédio da revista «Algarve Ilustrado», que teve a amabilidade de num dos seus números de 1970, inserir uma longa reportagem à minha pequena obra, com fotos, desenhos e entrevista.

«Também me sentiria feliz se, através duma revista da Marinha, eu fosse conhecido de toda a nossa família naval.

«Estive numa comissão em Africa, mais precisamente em Angola, numa fragata sob o comando do já falecido Comandante Camões Godinho, quando se começavam a ouvir os primeiros tiros de uma guerra que iria durar muitos anos. Viviam-se horas de ansiedade, amargura, raiva e dor. Misturavam-se o suor com as lágrimas e derramavam-se o sangue da inocência misturado com o da revolta.

«Apesar da situação, o interesse pelo romantismo, a necessidade de expressão, o conhecimento da existência da arte faziam nascer em mim algo de novo e diferente.

«Visitava museus, lia livros, adquiria pincéis e tintas, dava as primeiras pinceladas em tela e, quando não o podia fazer, escrevia versos. Depois, na África do Sul, conheci pintores, convivi com eles e tirei partido desse convívio.

«Crescia o meu interesse por um Mundo que até então me era desconhecido, e tudo fazia para satisfazer os meus anseios.

«Quando, já na Metrópole, fui gozar férias para a terra natal, no Algarve, gastava todo o tempo reproduzindo as belas paisagens do céu azul e água transparente, de rochas caprichosas cercadas ora de areia doirada ora de branca espuma rendilhada.

«Os turistas estrangeiros encontraram-me. Compraram-me imensos trabalhos que levavam para longínquas paragens.

«Não mais parei e vou pintando aos Domingos...».

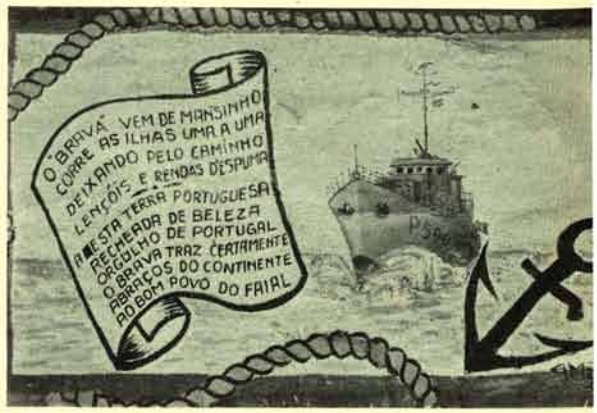
DOIS MARES

Neste mar de realidade
Meu peito navega em vão
E noutro mar, na saudade
Navega meu coração

Enquanto o sol põe com jeito
Nas ondas brilho e beleza
No mar que banha meu peito
Há escuridão e tristeza

Nos horizontes distantes
Talvez a pensar em mim
Eu julgo ver-te sòzinha

Nestes mares ondulantes
Já que a vida quiz assim
Não te esqueço porque és minha



Patrulha «Brava» – pintura executada numa muralha do cais da Horta.

BORDA FORA...

Com o posto de grumete artilheiro, encontrava-me em 1945 embarcado no Aviso de 2.ª Classe «PEDRO NUNES», à data efectuando a chamada viagem de instrução dos Guarda-Marinhas, a vários portos do Ultramar.

Moço novo, 22 anos apenas, estava-me confiado o espinhoso encargo de moço do paiol de géneros.

Como superior directo nesta função, tinha um conhecido Fiel, pessoa cumpridora e amiga de fazer cumprir. Era Chefe do Serviço de Abastecimento um subtenente, verde nos anos e na vida de bordo, de quem hoje sou grande amigo.

Mais teórico do que prático, o bom Chefe, idealizou e pôs em prática um livro de ordens para serem cumpridas pelo moço do paiol e, a partir daí, raro era o dia em que no livro não aparecesse mais uma...

Ciente das minhas responsabilidades e deveres, quase não dormia a pensar no livro. Certo dia, veio a ordenança trazer-mo com mais uma ordem do Chefe, a juntar às muitas que ele já continha: «o paiol abre às X horas para dar limpezas, às Y para dar açúcar, às Z para dar o vinho», etc., etc., etc., etc.

Impensadamente recusei o livro, que foi devolvido ao Fiel, deste ao Chefe, depois ao Imediato e finalmente ao Comandante, o tão saudoso e sempre lembrado João Pais Baptista de Carvalho «O Pai dos Pescadores», como ficou conhecido na Armada.

Reune o «Tribunal» na tolda. O Comandante ouve o Imediato, o Chefe do Serviço de Abastecimento e o Fiel. Todos dão a sua opinião, acerca do famigerado «Livro de Ordens do Paiol de Géneros».

Chegada a minha vez, sem outras razões para poder justificar o meu gesto irreflectido, desculpei-me afirmando que não era culto nem letrado para interpretar tanta ordem... que não tinha tempo para ler nem memória para fixar... que como moço do paiol que era, apenas devia executar... Dizia tudo isto a gaguejar, perfilado e muito vermelho!

Fez-se silêncio entre os presentes e o Comandante perguntou-me calmamente: «que entendes então que se deva fazer ao livro?»

Respondi imediatamente e sem vacilar: «Deitá-lo ao mar!».

Não foi cumprida a minha sugestão, mas... o livro morreu!

O «Tribunal» da tolda sentenciou com humanidade. O dever de julgar, de ordenar e de cumprir, teve como sempre o condão de aproximar mais os homens que servem a Armada. Recordações como esta, não mais se apagam na memória de quem se orgulha de a ter servido.

A. Parreirão
Agente da Polícia Marítima

Do 1.º Grumete FZE – José Manuel, recebemos uma carta da qual extraímos:

«Guiné. 13-2-72.

«Partida Amarga»

«Era Domingo, um Domingo como outro qualquer, mas que para mim iria ser bastante diferente, partia nesse dia para o Ultramar, coisa que acontece agora normalmente.

«Levantei-me e preparei as minhas malas e vinham até mim soluços abafados de minha mãe. Chorava por mim que ia partir com uma amargura infinita.

«No cais lá estava o navio. Parecia um monstro. Embarquei. A minha família cada vez ficava mais distante no cais. Olhei à minha volta como se nunca tivesse visto aquele panorama.

«São passados 13 meses. Faltam só sete para voltar a ver a família no cais, desta vez cada vez mais perto...

---

saibam todos

Que a concessão de crédito no montante de 2 meses de vencimento para a aquisição na Fábrica Nacional de Cordoaria é independente do que se utiliza para compras nas Oficinas Gerais de Fardamento do Ministério do Exército.

Que o posto de subsargento, correspondente a furriel do Exército, só existe nas reservas naval, marítima e legionária.

Que as aquisições a crédito apenas estão sujeitas a uma taxa de 1%, a lançar pela Direcção do Serviço de Abastecimento, sobre o valor dos artigos adquiridos nesta modalidade, quer na Cordoaria quer no Exército, a qual se destina a ocorrer a dívidas insolúveis.

Que o tempo normal de serviço efectivo das praças que tenham sido incorporadas no quadro do activo mas que não tenham ingressado nos quadros permanentes é o seguinte:

- 4 anos desde a incorporação, quando provenientes do recrutamento geral;
- 4 a 6 anos, quando provenientes do recrutamento especial, conforme as classes respectivas e o especificado no E.S.P.A.

Que a promoção a marinheiro deixou de exigir tempo de permanência em 1.º grumete, pelo que os 2.º grumetes aprovados com o curso do 1.º grau que tenham vaga são imediatamente promovidos a marinheiros.

Que para 1974, a baixa do serviço para grumetes e marinheiros se passará a fazer logo que terminem o serviço militar obrigatório deixando de se verificar a baixa de grumetes antes dos marinheiros com o mesmo tempo de serviço.

notícias pessoais

CASAMENTOS

1.º ten. João Fortunato de Azevedo Coutinho casou, em 26-2-72, com D. Maria de Lourdes Cardoso Pais de Oliveira.

1.º ten José Armando Rodrigues Leite casou, em 28-2-72, com D. Maria Teresa Ventura da Cruz Cachim.

2.º sarg. ACM – Magalhães casou, em 21-1-72, com D. Ana Maria A. C. Saldanha.

2/64/C. FZE – Costa casou, em 2-1-72, com D. Maria Fátima A. Escada Costa.

2127/69/C. H – Ferreira casou, em 8-1-72, com D. Maria Madalena S. C. Ferreira.

471/69/Mar. L – Correia, casou, em 22-1-72, com D. Maria Graça Silva Correia.

1953/70/Mar. A – Guerreiro casou, em 23-1-72, com D. Olívia Felícia dos Santos.

1146/68/1.º grt. CM – Caetano casou, em 18-1-72, com D. Maria Dorinda Afonso Caetano.

1334/70/1.º grt. FZ – Martins casou, em 23-1-72, com D. Maria José C. P. Dias Martins.

PASSAGENS À RESERVA

C/almirante Alberto Alves Lopes colocado na situação de Reserva da Armada, em 1-2-72, continuando na efectividade do serviço.

C/almirante José de Aires Gomes Ramos colocado na situação de Reserva da Armada, em 4-2-72, continuando na efectividade do serviço.

Cap.-m.-g. Manuel Lopes de Mendonça colocado na situação de Reserva da Armada, em 28-2-72, continuando na efectividade do serviço.

Cap.-m.-g. Joaquim Cortes Carrasco colocado na situação de Reserva da Armada, em 11-12-71, continuando na efectividade do serviço.

Sarg.-aj. A. Silvério M. Sargento passou à Reserva Aa, em 31-1-72.

Sarg.-aj. L. Joaquim B. de Carvalho passou à Reserva Aa, em 31-1-72.

1.º Sarg. L Edmundo da S. Rodrigues passou à Reserva Aa, em 8-2-72.

1010/C. M-António M. de Andrade passou à Reserva Aa, em 1-2-72.

1041/Mar. aux. Joaquim P. de Carvalho passou à Reserva Aa, em 1--2-72.

APOSENTAÇÕES

D. Aida do Nascimento Saraiva da Mota, chefe de secção.

João Duarte, 1.º-faroleiro.

Joaquim Bento Madeira Aleluia, maquinista de 2.ª classe do troço do mar.

João Manuel Meles, patrão de costa.

Manuel Luís, contínuo de 1.ª classe.

FALECIMENTOS

Cap.-m.-g. AN Ref. Alberto Ângelo dos Santos faleceu, em 12-3-72.

1.º-ten. SG José Marques faleceu, em 16-3-72.

2.º-ten. SG RAa Augusto Henriques da Silva faleceu, em 27-3-72.

1.º-sarg. ACM José André Gonçalves Oliveira faleceu em 8-2-72.

filatelia

INICIAÇÃO FILATÉLICA

Crê-se que o desejo e gosto de coleccionar nasceu com o próprio homem. No caso particular dos selos postais – Filatelia –, sabe-se que o primeiro coleccionador apareceu em 1841, um ano depois do aparecimento do primeiro selo. Não tem a filatelia o apanágio de ser um passatempo subordinado à juventude, pois, com muita frequência, indivíduos que nunca se interessaram por selos começam a coleccionar quando aquela, para eles, há muito passou.

É, na realidade, um passatempo maravilhosamente curioso, independente dos resultados sempre bons que dele advêm.

Começa-se, geralmente, por juntar todos os selos usados que nos aparecem sem olhar à série, ao tema ou à nacionalidade. O que interessa é a quantidade. Depois, quando pensamos possuir um número enorme de selos, resolvemos colocá-los num álbum, ou seja seleccioná-los e ordená-los. Assim, abandonamos a fase de ajuntadores de selos para nos transformarmos em filatelistas.

Nesta ocasião, somos assaltados pela dúvida de coleccionar selos usados ou novos. Há quem afirme que os usados são mais válidos por terem cumprido a missão para que foram criados; outros, garantem que os novos são mais valiosos, pois permitem colecções mais bonitas, e o facto de não terem sido utilizados mais os valoriza.

Pessoalmente, respeitamos ambas as opiniões, porém, não aceitamos que, num mesmo álbum, se misture, indistintamente, selos usados e novos; sempre só uns ou outros.

Quanto à sua valorização, todos os catálogos indicam ser os novos sempre mais valiosos, pois tornam-se mais difíceis de encontrar e adquirir.

Assim, o ideal seria que cada filatelista montasse uma colecção de usados e outra de novos. Na

primeira, iria colocando todos os selos possíveis a partir do primeiro emitido e, na segunda, na impossibilidade de ser iniciada na mesma época, começaria a partir duma data que nos fosse querida – a do nosso nascimento por exemplo –, ou qualquer outra, como aquela em que surgiu a série comemorativa do Primeiro Centenário do Selo Postal.

É verdade que tal modalidade fica mais cara, e, em outros aspectos ainda, é mais difícil, mas permite, realmente, colecções mais perfeitas de beleza e, além disso, está generalizada a ideia de que comprar selos para coleccionar é uma modalidade de investir como qualquer outra. No entanto, repetimos, não é aconselhável que façamos as nossas colecções utilizando indistintamente selos usados e novos, uma vez que está claramente demonstrado que tal processo não só não valoriza o nosso trabalho como, por vezes, diminui muito o valor das colecções.

G. Brandão

A LUBRAPEX - 72

O maior acontecimento filatélico do ano em Portugal terá como palco a cidade de Aveiro.

Numa organização da Secção Filatélica do Clube dos Galitos daquela cidade, vai realizar-se no próximo mês de Outubro a exposição filatélica luso-brasileira Lubrapex-72. Com este certame é dado mais um grande passo na aproximação dos filatelistas dos dois países irmãos.

A par da exposição, realizar-se-á, também, o I Congresso Internacional de Filatelia Luso-Brasileiro, onde serão debatidos temas de grande interesse para todos os filatelistas. Os assuntos a serem abordados são os seguintes:

I – Relações Filatélicas Luso-Brasileiras; II – A Filatelia e as Administrações Postais; III – Coleccionismo: *a*) Clássico, *b*) Temático, *c*) Marcofilia, *d*) Prefilatelia; IV – A Juventude e a Filatelia; V – Comércio Filatélico.

Todos os interessados em participar na exposição devem dirigir-se à Secção Filatélica do Clube dos Galitos, Praça Dr. Melo Freitas, Aveiro.

UM CARIMBO ALTAMENTE PATRIÓTICO: «POVO UNIDO=PAZ E PROGRESSO»

Está a ser usado nas províncias ultramarinas, um carimbo, tipo flâmula, com a significativa legenda «Povo Unido = Paz e Progresso». É de enaltecer esta iniciativa dos C. T. T. U. pois, assim, os incitamentos de patriotismo chegarão mais fàcilmente a muitos milhares de portugueses.

Para os marcofilistas, vamos fornecer todos os elementos que possuimos sobre o mesmo.

Como se disse, o carimbo é aplicado em todas as províncias ultramarinas no maior número de correspondência. O carimbo proveio de Moçambique – estação de Nacala.

Na província da Guiné, o carimbo é usado nas seguintes estações: Bissau, Teixeira Pinto, Bafatá, Bissorã, Bolama, Catió, Farim, Mansôa e Nova Lamego.

PARA INICIADOS
A LAVAGEM DOS SELOS USADOS

Vamos iniciar esta rubrica dando alguns conselhos sobre a maneira de lavar o selo usado.

Em terminologia filatélica, lavagem é a operação tendente a separar o selo do papel onde havia sido colado. Esta lavagem deve ser feita nas três seguintes fases:

a) Em primeiro lugar, corta-se o papel onde o selo está fixado, deixando uma margem de cerca de cinco centímetros; *b*) Seguidamente mergulha-se o selo em água tépida, com um pouco de sal, e espera-se que este se separe, por si, do papel a que está colado; os selos cujas cores não sejam muito fixas devem ser lavados separadamente, pois, normalmente, largam tinta, a qual estragaria os outros selos que, também estivessem a lavar; *c)* Depois de o selo estar separado, coloca-se o mesmo entre duas folhas de papel mata-borrão, até secar.

Pròximamente falaremos dos cuidados que devemos ter na escolha do selo usado.

PELO MUNDO

Reproduzimos um dos dois selos postos a circular no passado dia 7 de Abril pela Administração Postal das Nações Unidas, comemorativo do Dia Mundial do Coração.

Também reproduzimos o selo da taxa 30 + 15 c de uma série de quatro comemorativo do Festival da Holanda, posta a circular pelos correios holandeses.

A. Pinto
Mar. A

CAMPEONATO DE FUTEBOL

A equipa de futebol da Escola Naval, 5.ª classificada da Série B. De pé, da esquerda para a direita: Nunes, Bragança, Capinha, Cebola, Soares, Lázaro, Puga e Coelho. De joelhos: João, Oliveira, Salvador, Amaro (cap.), Eduardo e Morais.

O N. R. P. «Afonso de Albuquerque», cuja equipa se classificou em 6.º lugar, da Série B. De pé, da esquerda para a direita: Sousa, Aníbal, Calhas, Roque, Santos, Alcobaça, Barbosa, Aires e Ganhão. De joelhos: Lopes, Pinto, Almeida, Pereira, Palas, Óscar e Queirós.

No jogo Escola Naval—«Af. Albuquerque» a vitória pertenceu aos primeiros por 5-0. Na fotografia da esquerda, e na sequência dum canto, a E. N. marca o 1.º golo. Na da direita, embora a posição da bola o não pareça, é o 3.º golo da Escola Naval.

Terminou a fase de apuramento, tendo sido classificadas para as meias-finais as equipas do Grupo N.º 1 E. A. e C. S. D. M., da Série A, e Escola de Fuzileiros e B. N. L., da Série B.

Na Série A verificaram-se as eliminações da D. S. A. N. e da Flotilha de Patrulhas, o que reduziu para 4 o número de equipas que concluiram a fase inicial. A vitória nesta série pertenceu à melhor equipa, o Grupo N.º 1 E. A., que é a favorita da prova.

Na Série B, onde apenas falta disputar o jogo D. C. N.- E. N., a Escola de Fuzileiros, apesar do seu desaire inicial contra a «Sagres», ganhou naturalmente o 1.º lugar da série.

Damos a seguir os resultados dos últimos jogos:

Série A

C. S. D. Marinha, 3 – D. S. Abastecimento, 3
D. S. Abastecimento, 1 – Grupo N.2 E. A., 1

Série B

B. N. L., 0 – Escola Fuzileiros, 3
N. E. «Sagres», 0 – B. N. L., 3
D. Const. Navais, 0 – Escola Fuzileiros, 5
Escola Naval, 3 – N. E. «Sagres», 1
N. R. P. «Af. Albuq.», 0 – Escola Naval, 5
N. E. «Sagres», 3 – N. R. P. «Af. Albuq», 0
N. E. «Sagres», 10 – D. Const. Navais, 1

CLASSIFICAÇÕES

Série A

	J	V	E	D	B	P
Gr. 1 E. A.	3	3	–	–	11-2	6
C. S. D. M.	3	1	1	1	7-11	3
D. S. A.	3	–	2	1	5-8	2
Gr. 2 E. A.	3	–	1	2	3-5	1

Série B

	J	V	E	D	B	P
E. Fuz.	6	5	–	1	23-10	10
B. N. L.	6	4	1	1	19-6	9
«Sagres»	6	4	–	2	21-8	8
«Sac. Cabral»	6	3	–	3	16-11	6
E. Naval	5	2	–	3	12-8	4
«Af. Albuq.»	6	1	1	4	6-20	3
D. C. N.	5	–	–	5	2-36	0

Para as meias finais os jogos a disputar serão os seguintes:

Grupo N.º 1 E. A. – Base N. Lisboa
Esc. de Fuzileiros – C. S. D. M.

Embora em futebol a lógica seja muitas vezes contrariada, inclinamo-nos para uma final entre os rapazes de Vale de Zebro e os de Vila Franca...

P. Caeiro

* CURIOSIDADES

Em 31-10-71 estavam encomendados 3296 navios com o total de 171 608 855 t dw (mais 40 % que no ano anterior).
O aumento em relação ao trimestre anterior foi de 10 milhões de toneladas, embora as encomendas de navios de carga a granel e porta-contentores tivessem diminuído.

Vai ser celebrado o contrato para a execução da empreitada de construção de uma doca seca no porto de Aveiro no valor de 52 000 contos. A referida doca, que terá 100 m de comprimento, 18 m de largura e 9,7 m de altura, entrará em funcionamento no primeiro semestre de 1974.

A Goodyear vai construir um dirigível para transporte de carga no valor de 1,25 milhões de libras. Os voos experimentais estão previstos para Abril.

As Messageries Maritimes vão mandar realizar trabalhos de conversão em cinco navios que serão utilizados na rota, completamente contentorizada, Mediterrâneo-Extremo Oriente, a ser inaugurada no final de 1974.
O trabalho, que será realizado pela Lisnave, consiste em aumentar o comprimento de cada navio, de modo a poder transportar 52 contentores, acrescentando uma nova secção de 18,4 metros entre os porões 2 e 3.
O primeiro navio deverá chegar a Lisboa em Março e espera-se que a última conversão esteja concluída no fim de Setembro.

Os quatro estaleiros japoneses Ishikawajima – Harima, Mitsubishi, Hitachi e Mitsui – estudam a construção de um petroleiro de 1 milhão de toneladas.

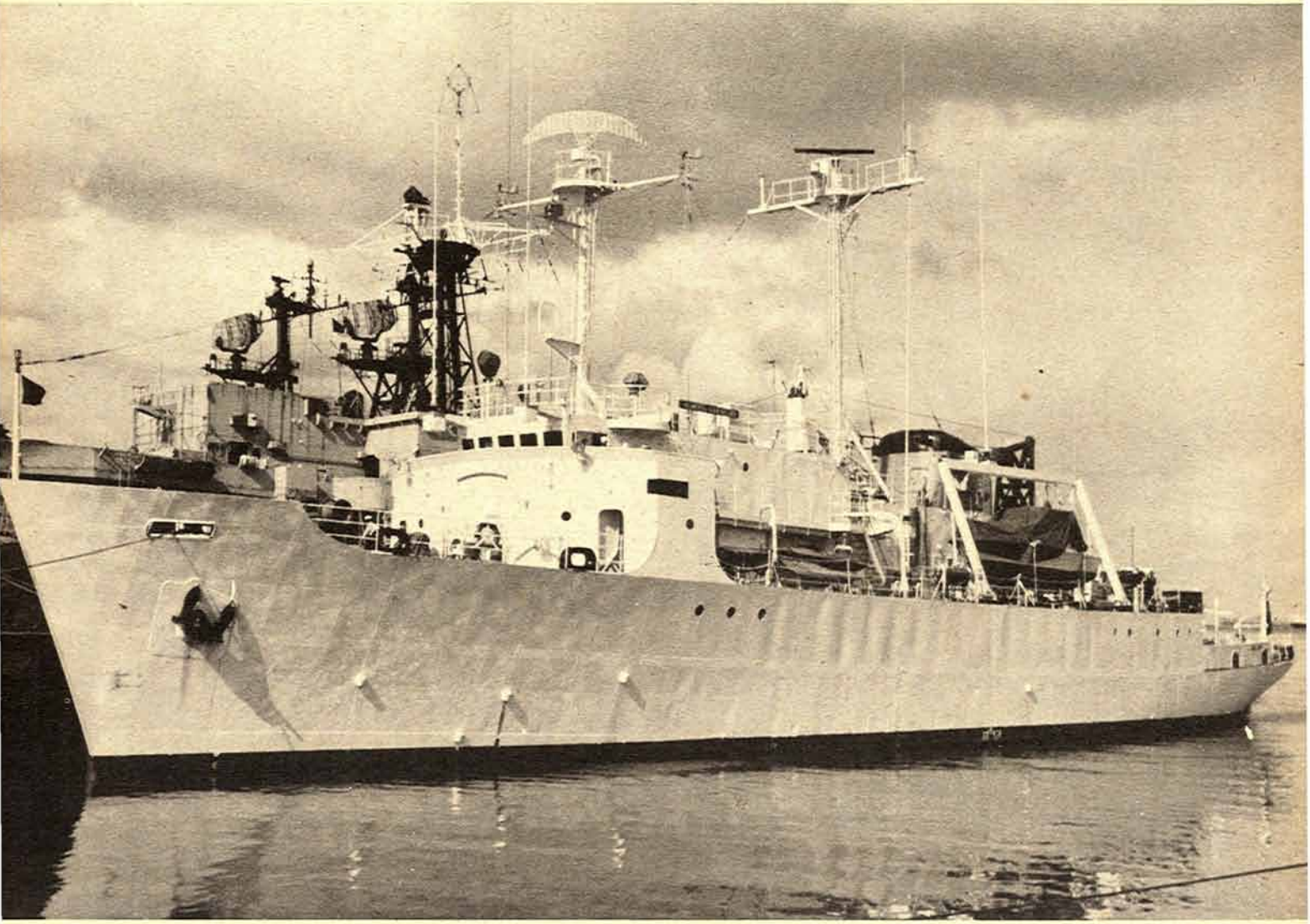
Foi pedida autorização para instalar, na margem sul do Tejo, na zona Trafaria-Bugio, um estaleiro naval para reparação de todos os tipos de grandes navios.

O estaleiro Lübecker Flender-Werke entregou à Lubeck-Linie o navio graneleiro-transportador de automóveis «Possehl», de 33 300 t dw.
O navio tem capacidade para 2700 «Volkswagen». A propulsão é feita por um motor diesel «MAN» de 14 000 HP e a velocidade é de 18 nós.

(Do «Boletim Analítico da J.N.M.M.»)

reportagem

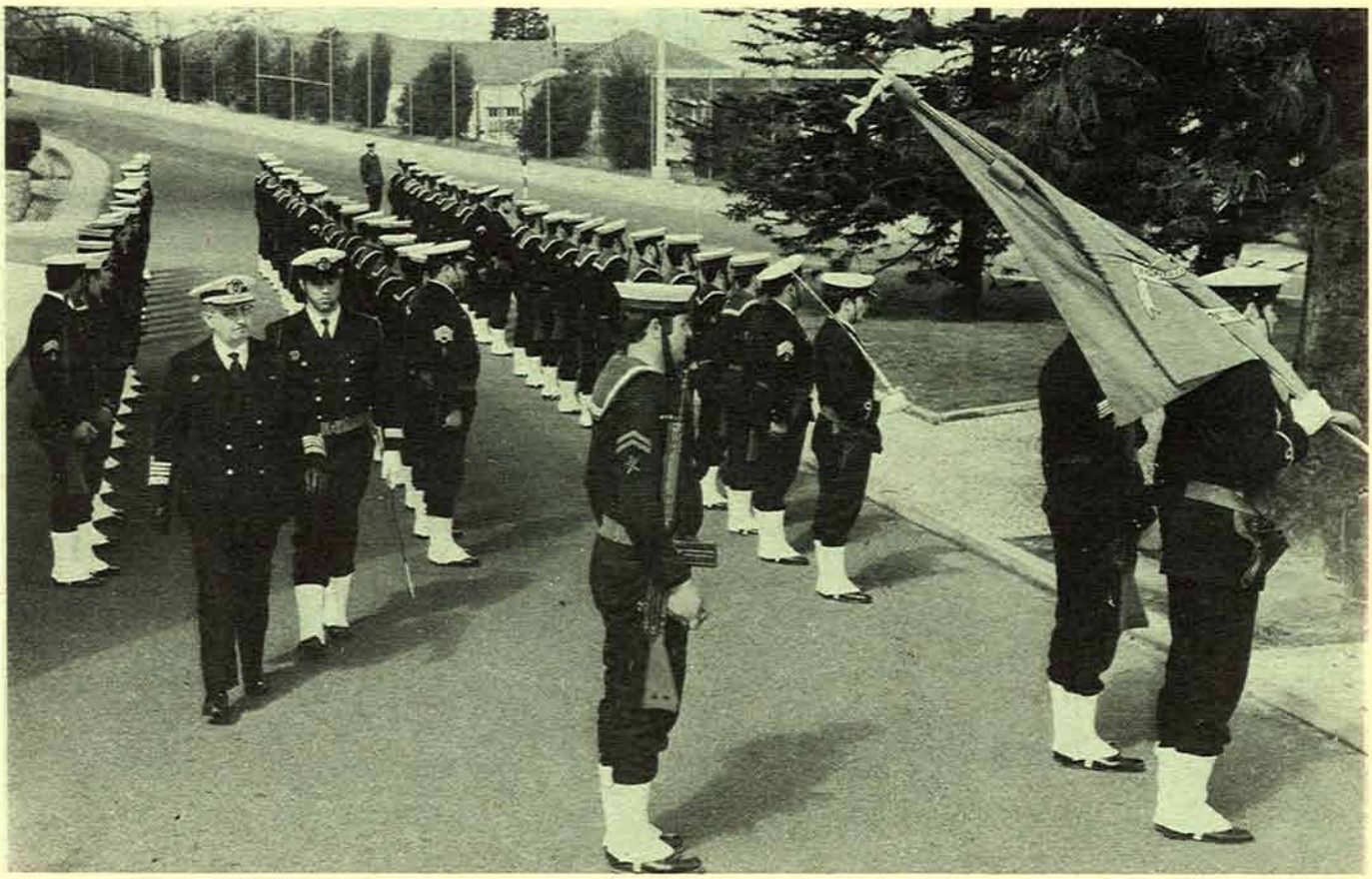
CHEGOU O NOVO NAVIO-HIDROGRÁFICO «ALMEIDA CARVALHO»



No dia 12 de Março entrou pela primeira vez no nosso porto o navio-hidrográfico «Almeida Carvalho» que brevemente irá iniciar as suas funções específicas no desempenho de tarefas oceanográficas incluídas na execução do 6.º Cruzeiro da Campanha de Apoio Científico às Pescas (CAPEC VI), a ter lugar na segunda quinzena de Abril.

É comandante desta nova unidade da Armada o capitão-tenente Lobo Fialho, sendo a guarnição de 5 oficiais, 6 sargentos e 19 praças, podendo ainda alojar 10 cientistas.

No dia da chegada deslocou-se a bordo a apresentar cumprimentos em nome do ministro da Marinha e do chefe do Estado-Maior da Armada o capitão-de-mar-e-guerra Pinho e Costa, subdirector do Instituto Hidrográfico.



O CHEFE MILITAR DA MARINHA ESPANHOLA DE VISITA A PORTUGAL

A convite da Armada portuguesa, passou uma semana entre nós, de 25 de Fevereiro a 4 de Março, o chefe do Estado-Maior da Marinha de Espanha, almirante D. Enrique Barbudo, acompanhado de sua esposa, Doña Maria Sotomayor Macpherson.

O almirante Barbudo durante a sua estada em Lisboa teve oportunidade de visitar as instalações navais do Alfeite, particularmente estabelecimentos de instrução onde oficiais espanhóis têm estagiado, e presidiu, com o chefe do Estado-Maior da Armada de Portugal, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, a uma conferência a alto nível em que foram apresentadas as conclusões e recomendações dos comandos das forças dos dois países intervenientes no exercício CONVEX 71 realizado no Outono do passado ano, ao largo das costas de Espanha e Portugal.

O chefe do Estado-Maior da Armada espanhola foi condecorado pelo ministro da Marinha com a grã-cruz da Ordem Militar de Avis, por ter prestado serviços dignos do maior apreço à nossa Marinha de Guerra, contribuindo assim para fortalecer os laços de amizade que unem os dois países.

O MINISTRO DA MARINHA DE VISITA À VI ESQUADRA

A convite do Governo americano o ministro da Marinha efectuou de 13 a 15 de Março uma visita à VI Esquadra da Marinha dos Estados Unidos.

Foi acompanhado pelos embaixador daquele país, sr. Ridgway Knight; chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Tello Polleri; vice-chefe do Estado-Maior da Armada, contra-almirante Tierno Bagulho; comandante do COMIBERLANT, contra-almirante Eugene Fluckey; comandante da I Região Aérea, general Ivo Ferreira, outros oficiais americanos e portugueses e altos funcionários da Embaixada Americana.

Da Base Aeronaval de Nápoles, o ministro e entidades que o acompanhavam seguiram para o porta-aviões «F. D. Roosevelt» onde assistiram a operações no alto-mar.

Estas operações consistiram, principalmente, na exibição do poder aéreo de que é capaz um porta-aviões, nas quais foram incluídos exercícios de fogos reais, lançamento e recolha de aviões, tanto de dia, como de noite.

O ministro da Marinha e restantes membros da comitiva regressaram directamente do «F. D. Roosevelt» a Lisboa, a bordo de aviões daquela unidade.

O AQUÁRIO VASCO DA GAMA TEM NOVO DIRECTOR

O capitão-de-mar-e-guerra Lopes de Mendonça foi nomeado director do Aquário Vasco da Gama, substituindo naquelas funções o capitão-de-mar-e-guerra Pereira Parreira.

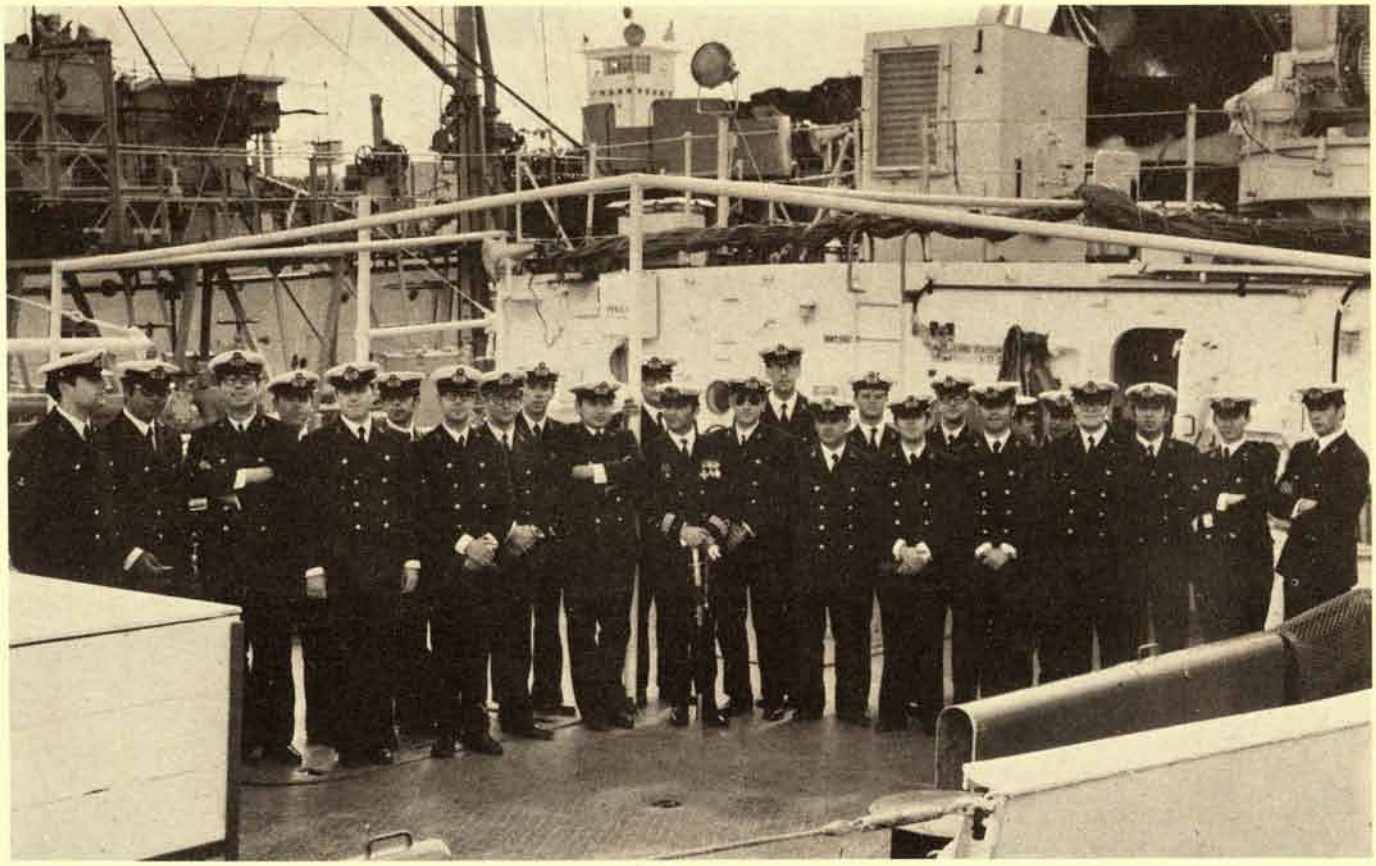
Em reconhecimento dos serviços relevantes prestados à Armada durante toda a sua carreira, o ministro da Marinha condecorou no seu gabinete, no passado dia 8 de Fevereiro, o capitão-de-mar-e-guerra Pereira Parreira com a medalha militar de ouro de Serviços Distintos.

NOVOS FUZILEIROS ESPECIAIS RECEBEM AS SUAS BOINAS

Na Escola de Fuzileiros, realizou-se no dia 16 de Março a cerimónia da imposição de boinas a 130 fuzileiros especiais que terminaram o seu período de instrução e que constituíam o 27.º Curso de Fuzileiros Especiais.

Presidiu o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, e assistiram o comandante Naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro; o comandante da Escola Naval, comodoro Fragoso de Matos; o director de Instrução, capitão-de-mar-e-guerra Rodrigues Alho; o comandante da Força de Fuzileiros do Continente, capitão-de-mar-e-guerra Ventura da Cruz, bem como o comandante da Escola de Fuzileiros, capitão-de-mar-e-guerra Barahona Fernandes, e toda a oficialidade que ali presta serviço.

Lida uma exortação, procedeu-se à imposição das boinas aos novos fuzileiros e à entrega de prémios aos melhores classificados, após o que, guardado um minuto de silêncio em memória dos fuzileiros mortos em serviço, o batalhão desfilou perante as entidades presentes.



QUATRO NAVIOS REALIZAM VIAGENS DE INSTRUÇÃO DE CADETES DA RESERVA NAVAL

A corveta «António Enes», o navio-hidrográfico «Almeida Carvalho» e os draga-minas «Pico» e «Ribeira Grande» efectuaram durante o mês de Março viagens de instrução de cadetes da Reserva Naval.

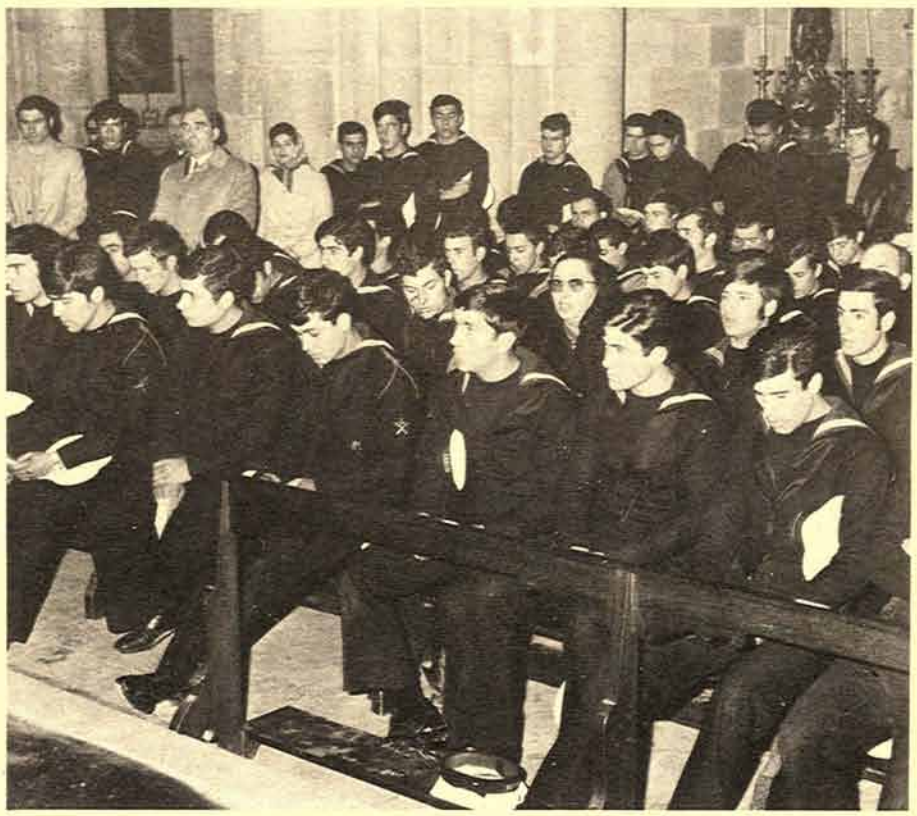
Num total de 114 cadetes embarcados, aquelas unidades escalaram portos estrangeiros – Vigo, Santa Cruz de Tenerife e Cádiz – e portos do Continente – Faro e Leixões.

A ARMADA REALIZA A SUA COMUNHÃO PASCAL

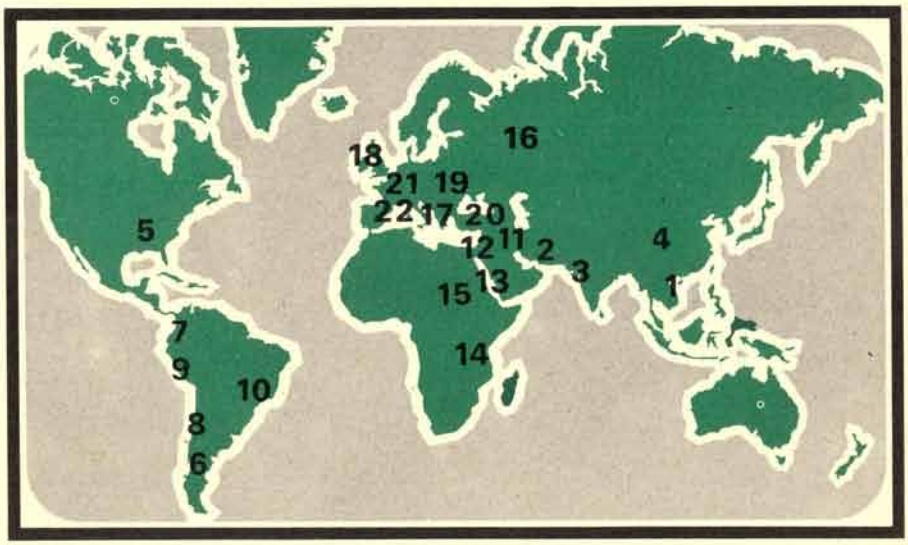
Na Sé Patriarcal de Lisboa, teve lugar no passado dia 12 de Março a tradicional comunhão pascal da Armada.

Com a presença do chefe e vice-chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos e contra-almirante Tierno Bagulho, respectivamente, do superintendente dos Serviços do Pessoal, contra-almirante Soares Branco, e de muitas dezenas de oficiais de várias patentes, sargentos e praças e seus familiares, a cerimónia foi presidida pelo capelão-chefe Ferreira de Melo, tendo os cânticos sido acompanhados pelo conjunto musical «Os Náuticos».

Depois do acto litúrgico foi servido nos claustros da Sé o pequeno-almoço a todos os presentes, reunidos em ambiente de agradável convívio.



no mundo aconteceu



NA ÁSIA

1 – *INDOCHINA*

Na sequência dum alastramento da guerra na península, produziu-se violento ataque ao Sul, por guerrilheiros vietcong apoiados por armas e tropas norte-vietnamitas, que atravessaram a zona separadora dos dois Vietnames. A reacção do Governo de Saigão, com apoio da aviação e marinha dos Estados Unidos, aliada ao recomeço dos bombardeamentos ao Norte, e nomeadamente a Hanoi (capital) e Haiphong (porto principal), não impediram o sucesso das iniciativas dos soldados de Ghiap (ministro da Defesa do Norte), que, em 1954, expulsou os franceses da Indochina. Aliás, em relatório secreto do Governo americano, do tempo do presidente Johnson, agora conhecido, já os especialistas referiam que os bombardeamentos maciços da aviação americana a instalações e bases do Norte não tiveram qualquer êxito prático. A actual ofensiva parece querer enfraquecer a posição de Nixon, que em breve deverá visitar Moscovo, tendo até sido previsto o seu cancelamento por terem sido atingidos navios soviéticos no porto bombardeado pelos americanos. O certo é que a prova de força que nas últimas semanas tem sido dada pelos guerrilheiros e tropas de Hanoi torna a balança da guerra mais pendente para os vietnamitas.

A China «apoia enèrgicamente» o Governo de Hanoi e «condena» os bombardeamentos americanos.

2 – *PÉRSIA*

Shiraz e outras cidades do Sul foram abaladas por violento terramoto, que provocou milhares de mortos e feridos e incontáveis destruições. Mais uma vez, portanto, este país, grande produtor de petróleo, é atingido por uma catástrofe sismológica. O Exército dirige as operações de socorro na zona de morte.

Entretanto, cessaram as escaramuças de fronteira com o Iraque, que duraram alguns dias.

3 – *PAQUISTÃO*

O presidente Ali Bhuto aceitou uma proposta indiana para conversações de paz e uma conferência com a sra. Ghandi, primeiro-ministro indiano, a realizar-se no mês corrente. Um dos principais problemas paquistaneses a debater é o da repatriação dos 93 000 soldados que estão em poder da Índia depois da invasão do Paquistão Oriental.

Ao mesmo tempo, é declarado ilegal o regime de Yahya Khan e as leis promulgadas são tidas por inconstitucionais.

4 – *CHINA*

Em retribuição da visita efectuada a Pequim por uma equipa de pinguepongue americana, a qual foi o toque de degelo nas relações entre as duas potências, uma equipa chinesa fez uma digressão pelos E. U. A.

NA AMÉRICA

5 – *ESTADOS UNIDOS*

Sofrendo de doença cardiovascular, que lhe provocou vários ataques nos últimos quinze anos, o ex-presidente Johnson encontra-se internado num hospital do Texas.

O voo tripulado «Apolo-16» durou uma semana e sofreu alguns contratempos, o que despertou a ansiedade da opinião mundial, dividida entre mais este feito científico da N. A. S. A. e o agravamento da situação indochinesa.

Depois duma ausência de 20 anos, por virtude de disputa sobre as suas opções políticas e vida privada, esteve nos E. U. A. o actor Charlie Chaplin.

6 – *ARGENTINA*

Foi decretado o estado de emergência na região de Mendoza. Prevê-se que o ex-presidente Peron, exilado em Madrid, se candidate às eleições presidenciais de Março de 1973, depois de anulada a acusação de traição que sobre ele fora lançada e respectivo mandado de captura.

7 – *COLÔMBIA*

Sangrentos motins estalaram em várias cidades colombianas.

8 – *CHILE*

O Sínodo dos Bispos «congratula-se com os progressos alcançados pelo Chile no seu desenvolvimento» e acentua que «as transformações, consideradas revolucionárias por muitos, correspondem à vontade da imensa maioria e não podem fazer-se sem o sacrifício dos privilegiados de ontem e de hoje». Os prelados sublinham que «a riqueza e o luxo de alguns são um insulto permanente aos que vivem na miséria... e o custo das transformações deve ser repartido por todos, de modo equitativo».

Na Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento, o presidente da Comissão Executiva do Mercado Comum declarou que a lacuna entre ricos e pobres estava a alargar-se, visto os países industrializados ficarem surdos aos gritos de socorro do Terceiro Mundo (países subdesenvolvidos afro-asiáticos).

9 – *PERU*

Na Assembleia Geral da O. E. A. o Peru pediu que se ponha fim ao isolamento de Cuba, mas os Estados Unidos insistiram em que o regime de Castro continua a constituir uma ameaça para a paz e a segurança das Américas.

10 – *BRASIL*

Os restos mortais do 1.º imperador do Brasil, Pedro I, foram entregues por Portugal ao Brasil.

Foi inaugurado em Valinhos, no Estado de S. Paulo, o maior observatório astronómico da América.

NO MÉDIO ORIENTE

11 – *IRAQUE*

Inaugurou um oleoduto de 128 km, que liga a exploração petrolífera de Fao ao Golfo Pérsico, o primeiro-ministro da U. R. S. S. Kossiguine. Foi também assinado um tratado de amizade e cooperação, com a validade de 15 anos e prevendo auxílio mútuo no sector da defesa. Este tratado é considerado mais um passo efectivo de consolidação da sua influência nos estados árabes com diversificação dos seus interesses fora do Egipto.

12 – *LÍBANO*

A campanha eleitoral no país provocou incidentes, dos quais resultaram 6 mortos e 20 feridos.

13 – *ISRAEL*

O primeiro-ministro, sra. Meir, acolheu com agrado os esforços de mediação da Roménia no diferendo israelo-árabe, mas repetiu que o único caminho que pode levar a paz ao Médio Oriente é o das negociações directas entre Israel e os árabes.

NA ÁFRICA

14 – *TANZÂNIA*

O xeque Karume, governador da província de Zanzibar (ilha outrora independente), foi assassinado na sede do seu partido, o Afro-Shirazi. Foi imposto o recolher obrigatório na ilha e cortadas todas as comunicações com o exterior. Foi nomeado para o substituir Aboud Jumbe.

15 – *EGIPTO*

No Cairo, o chefe dos guerrilheiros palestinianos, Yasser Arafat, declarou que «o problema palestiniano não será resolvido enquanto na Palestina não se estabelecer um estado democrático e secular que assegure a coexistência pacífica entre muçulmanos cristãos e judeus».

Vão ser indemnizados milhares de egípcios cujos bens foram expropriados durante o regime de Nasser.

Existe uma ponte aérea ininterrupta que transporta para o Egipto armamento soviético.

NA EUROPA

16 – *RÚSSIA*

Foi assinada em Moscovo uma convenção internacional para proibir o desenvolvimento, produção e acumulação de armas biológicas e pedir a destruição das existentes nos arsenais.

17 – *ITÁLIA*

Vários atentados continuam a produzir-se durante a agitada campanha eleitoral em curso no país.

18 – *IRLANDA*

Os extremistas irlandeses mantêm as suas posições duras e receia-se que a luta urbana no Ulster degenere em guerra civil.

19 – *JUGOSLÁVIA*

Uma epidemia de varíola assolou a Federação, havendo vítimas e obrigando a vacinações em massa. A vizinha Grécia, à cautela, vacinou a sua gente.

20 – *TURQUIA*

Visitou Ankara o chefe do Estado soviético Podgorny.

21 – *BÉLGICA*

Foi assinado um acordo entre os 6 que cria o Instituto Universitário Europeu, a funcionar em Florença. O presidente da República Italiana salientou que a nova universidade constitui mais um passo no caminho da unificação da Europa.

22 – *FRANÇA*

Recomeçaram em Paris as conversações da Conferência da Paz na Indochina.

Grande percentagem de abstenções marcou o referendo proposto à França pelo presidente Pompidou tendo em vista o alargamento da Comunidade Económica Europeia de 6 para 10 membros (só 34% de votos válidos, dos quais 67,8% a favor do SIM). Os comentários internacionais dão como decepcionante para o presidente o resultado do referendo.

quarto de folga

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Esta é mais uma série extraída de **SCIENTIFIC AMERICAN** *– Julho 71 que iremos publicando.*

1.º

Quer-se construir uma armação cúbica com arames. Pode-se cortar 12 pedaços de arame iguais à aresta e soldá-los depois em cada vértice do cubo onde concorrem três pontas. Admitindo que se pode utilizar o arame dobrando-o nos cantos em vez de o cortar com o comprimento de cada aresta, e desejando que só haja um arame por aresta, qual será o número mínimo possível de pontos de soldadura para obter uma armação rígida?

2.º

Temos um rei no canto de um tabuleiro de xadrez e o nosso adversário tem um cavalo no canto diagonalmente oposto. O primeiro lance é do cavalo. Durante quantos lances poderemos evitar o xeque-mate?

3.º

Faça uma afirmação acerca do número *X* que seja verdadeira e só verdadeira para todos os valores de *X* menores que um milhão.

4.º

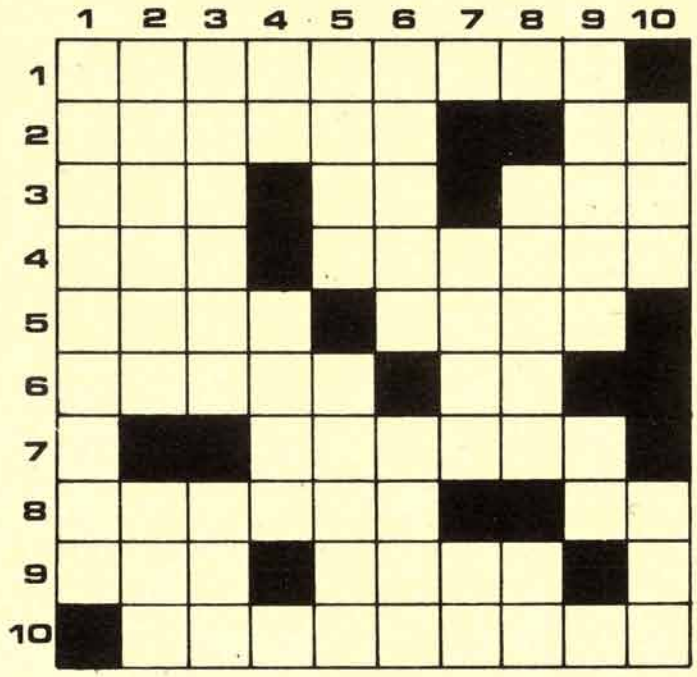
Porque será que um barbeiro em Nápoles antes quer cortar o cabelo a dois franceses do que a um alemão?

(Publicaremos as soluções no próximo número.)

Um escaler e uma catraia a reboque *(Desenho do comandante Augusto Soares de Oliveira)*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo n.º 8)



Horizontais: 1 – Alfange. 2 – Ato; basta. 3 – Muito; Emissora Nacional: esmaga. 4 – Salvé; selha. 5 – Vaso do sistema circulatório; formiga grande com asas. 6 – Prendia com elos; andava. 7 – Aplauda. 8 – Aro; antes de Cristo. 9 – Transpira; metal precioso. 10 – O que mata.

Verticais: 1 – Pequena embarcação de vela latina e três mastros(pl.). 2 – Que não se mexe; despida. 3 – Governa o navio; partias. 4 – Sair; obrigação de pagar a letra contraída por um terceiro. 5 – Numeral cardinal; recalca com os pés. 6 – Local onde viviam Apolo e as musas; extremo da verga duma vela. 7 – Lavrador da antiga Índia Portuguesa; abreviatura de reis. 8 – Alteram; duas vogais. 9 – Atasque; duas vogais. 10 – Dama de companhia; apetite sexual nos animais.

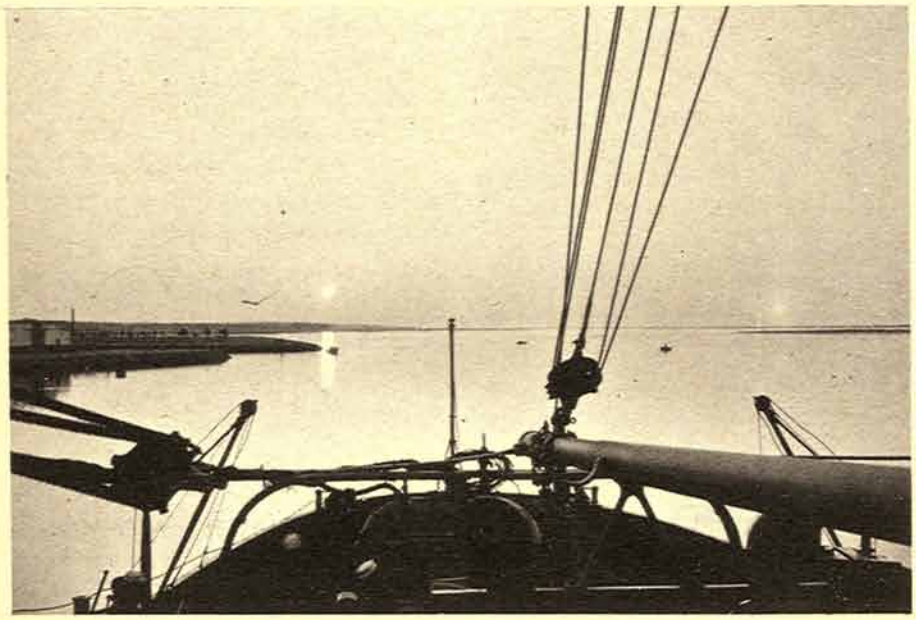
(Solução na pág. 34)

(Problema de M. Sousa)

CONCURSO N.º 8

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

(Foto do cap.-frag. S. Gouveia)



Esta fotografia foi tirada, com o navio fundeado, em Olhão. Há nela um pormenor que nos responde à pergunta que se faz:

– Trata-se de um nascer ou pôr do Sol?

A TEORIA

A PRÁTICA

(Desenhos do 1.º ten. Ferreira Barbosa)

FUTEBOL A... RIR!

Um conhecido árbitro italiano contava a um amigo:

– No meu país os *tifosi* são terríveis quando a sua equipa não ganha. Por mais de uma vez safei-me de ser linchado! Houve, no entanto, uma vez que ao deixar o estádio os adeptos das duas equipas rivais beijaram-me as mãos...

– Foste imparcial?

– Não penses nisso! Para escapar à multidão furiosa tive de pedir emprestada a batina dum cardeal!

P. Caeiro

TESTE DE CULTURA

RELIGIÃO

1 – Qual é o primeiro dos Dez Mandamentos?

2 – Qual é a religião dominante no Paquistão?

3 – E na Grécia?

4 – Quem traiu Jesus Cristo?

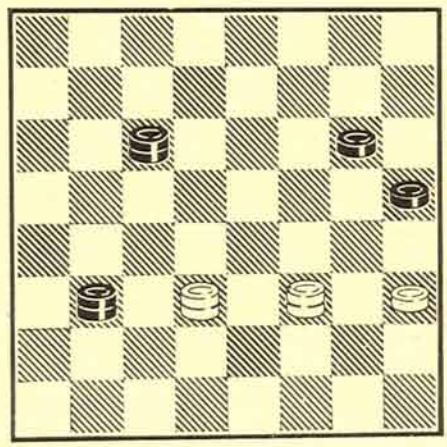
5 – Indique três religiões além do cristianismo.

Compilado por F. Bastos, 2.º-gr. RM

(Solução na pág. 34)

DAMAS

As brancas jogam e empatam.



Uma solução:

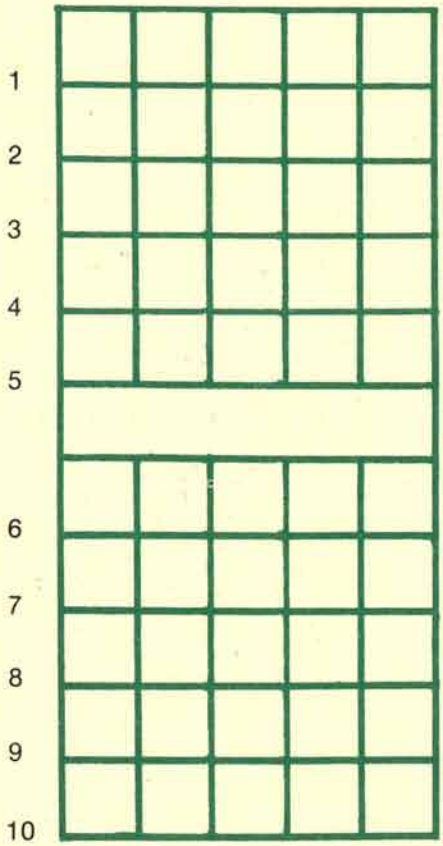
1 – h3 – g4.....b3 – a2 (ou) b3 – a4

2 – g4 – f5.....g6 x e 4

3 – f3 x b7..... e empatam

Há outras duas soluções que começaram pela mesma jogada das brancas; quer descobri-las?

PILHA DE PALAVRAS



1 – Recipientes.
2 – Rua estreita.
3 – Bordões.
4 – Emanação.
5 – Mamífero ruminante.
6 – Navio.
7 – Vasos sanguíneos.
8 – Aragem.
9 – Eleger por meio de votos.
10 – Instrumento musical de cordas.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central o leitor encontrará o nome de um célebre explorador português que atravessou a África, de oriente para ocidente, na sua parte meridional. Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra V.

(Solução nesta pág.)

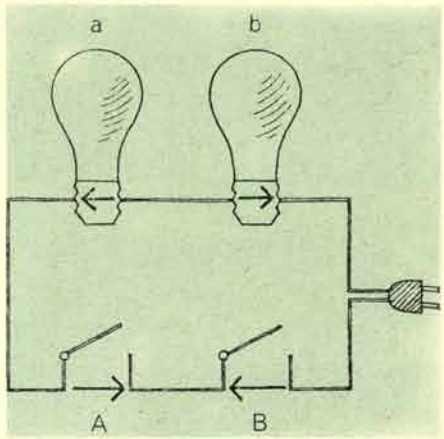
SOLUÇÕES

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Soluções do número anterior)

20.º – De facto, pode mover-se o barco. Em águas paradas consegue-se uma velocidade de «alguns» nós...
Quando o corpo do homem se move com uma sacudidela para o lado da proa, o atrito entre o bote e a água impede qualquer deslocamento significativo do barco para ré; mas a força de inércia desenvolvida pelo puxão é suficientemente forte para vencer a resistência da água e transmitir ao bote um impulso para vante. Aplica-se o mesmo princípio quando um miúdo, sentado dentro de uma caixa, a faz deslizar no chão, para diante, em pequenos impulsos conseguidos com o corpo em sacudidelas para a frente. Este sistema de propulsão não resulta no espaço interplanetário, a bordo das naves, pois o vácuo ambiente não oferece resistência de apoio.

21.º – Um quilo de moedas de 2$50 contém duas vezes mais metal do que meio quilo de moedas de 5$00 e valerá duas vezes mais.



22.º – Escondidos entre o casquilho e o pólo central de cada lâmpada e na base de cada interruptor foram intercalados pequenos rectificadores de sílica que permitem passagem de corrente num só sentido. O circuito é como a figura mostra e as setas indicam o sentido em que cada rectificador deixa passar a corrente. Se a corrente que passa é no sentido em que o rectificador colocado na lâmpada a deixa passar então ela passa pelo rectificador (*by-pass*) e não se acenderá a lâmpada. É portanto fácil de reconhecer que cada interruptor acende e apaga só a lâmpada cujo rectificador tem o mesmo sentido de passagem que o rectificador nele colocado.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 – Cimitarra. 2 – Amarro; ta. 3 – Ror; EN; mói. 4 – Ave; situla. 5 – Veia; aude. 6 – Elava; ia. 7 – Aclame. 8 – Anilha; a. C. 9 – Sua; oiro. 10 – Assassino.

Verticais: 1 – Caravelas. 2 – Imóvel; nua. 3 – Mareia; ias. 4 – Ir; aval. 5 – Três, achoa. 6 – Aonia; lais. 7 – Tuia; rs. 8 – Mudam; oi. 9 – Atole; ea. 10 – Aia; cio.

TESTE DE CULTURA

RELIGIÃO

1 – «Amar a Deus sobre todas as coisas.»
2 – Islamismo.
3 – Cristianismo ortodoxo.
4 – Judas Escariote.
5 – Judaísmo, budismo, confucionismo.

PILHA DE PALAVRAS

1 – Vasos. 2 – Viela. 3 – Varas. 4 – Vapor. 5 – Veado. 6 – Vapor. 7 – Veias. 8 – Vento. 9 – Votar. 10 – Viola. (SERPA PINTO)

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 6

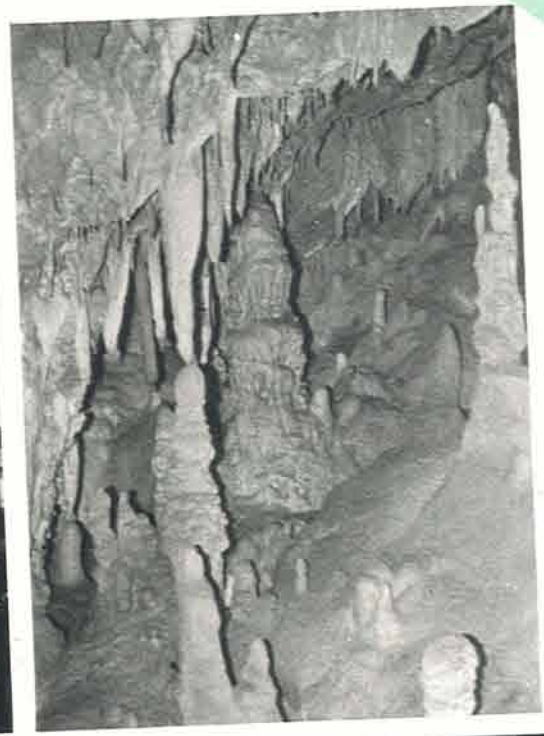
A nuvem que se vê na fotografia tirada nas margens do Lago Niassa é de mosquitos.

VENCEDOR: José Gonçalves, 1.º gr. A, do N. R. P. «Albufeira».

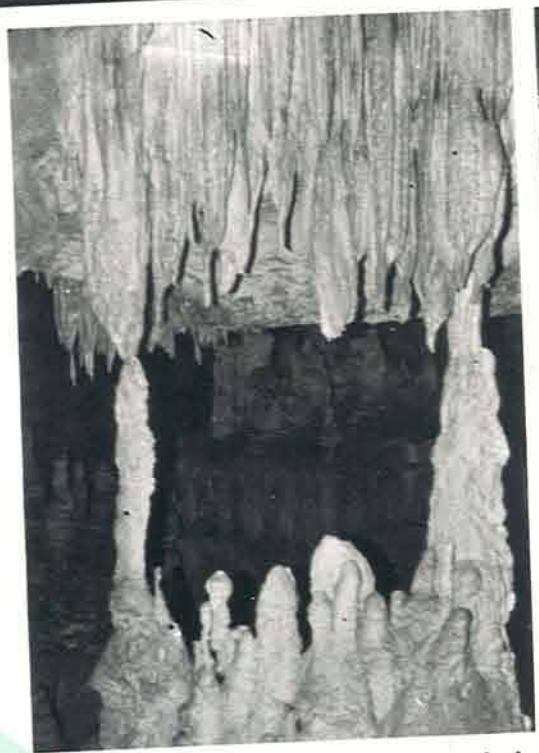
A NATUREZA E O HOMEM

(Fotos de L. C. Gaspar)

Grutas de Sto. António



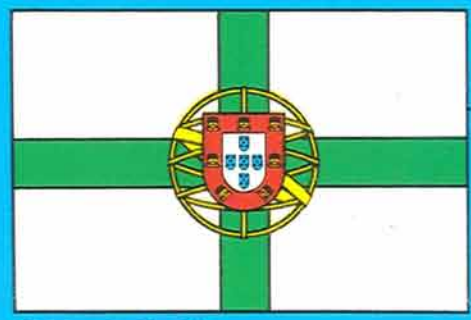
Viseu – Sé e Museu Grão-Vasco



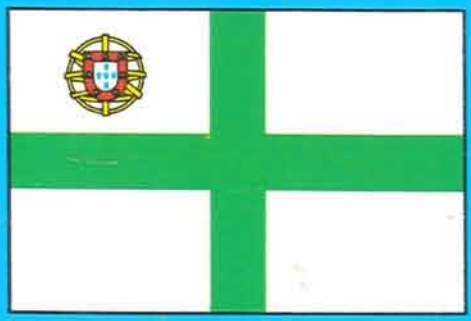
Grutas de Sto. António

Viseu – Claustros da Sé

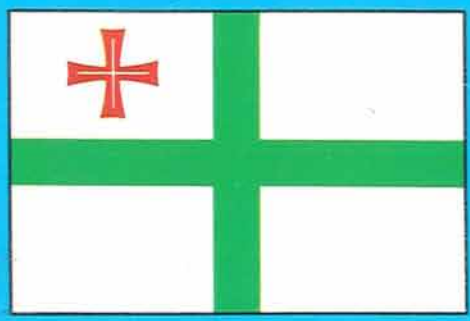
DISTINTIVOS PESSOAIS



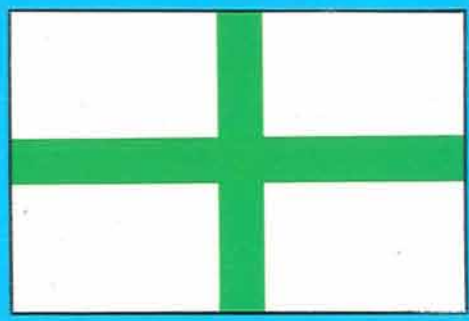
Ministro da Marinha



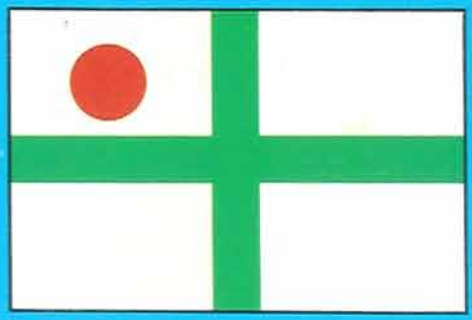
Almirante



Chefe do Estado-Maior da Armada

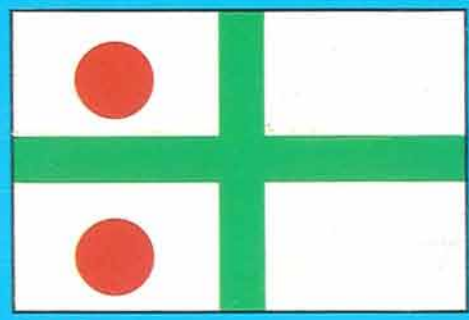


Vice-almirante

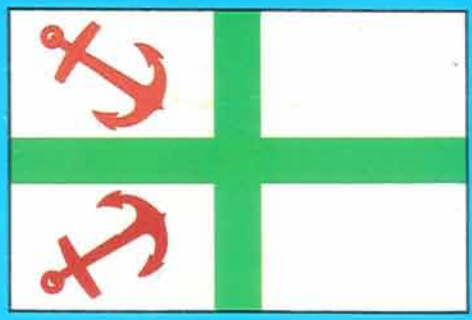


Contra-almirante

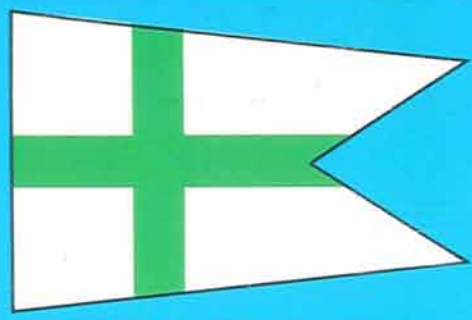
Director-geral dos Serviços de Fomento Marítimo



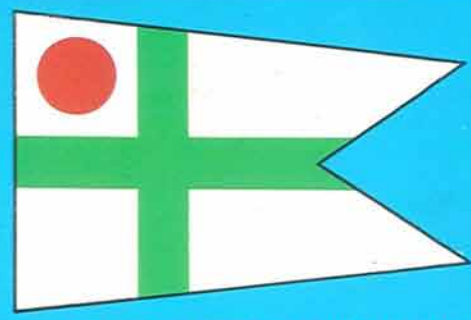
Comodoro



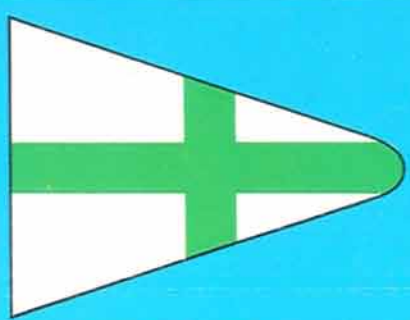
Intendente das capitanias



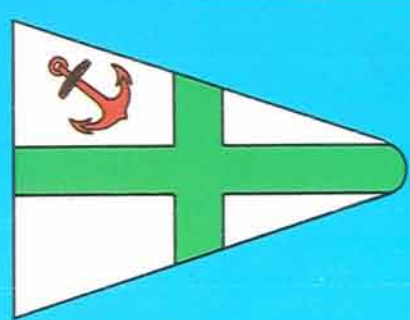
Capitão-de-mar-e-guerra comandante de Força Naval ou com funções de comando superior de unidades navais



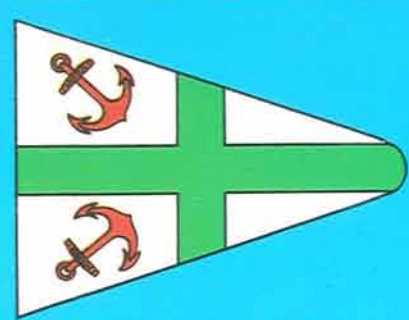
Capitão-de-fragata ou capitão-tenente comandante de Força Naval ou com funções de comando superior de unidades navais



Comandante mais antigo numa reunião acidental de navios



Capitão de Porto



Adjunto de Capitania ou Delegado Marítimo